



PETRÓPOLIS

As águas no tempo e
nos caminhos da cidade

Pedro Henrique de Lima Silva

Rafaela Facchetti Assumpção

Francisco Dourado

Cilene Victor

Há cidades cuja história se escreve em pedra. Outras, na memória de habitantes. Em Petrópolis, a narrativa mais profunda corre pelas águas. Rios que moldaram o traçado urbano desde a fundação, no século XIX, são os mesmos que, ao longo das décadas, transbordaram, romperam margens e expuseram as fragilidades de uma cidade que cresceu além de seus limites naturais e sociais. *Petrópolis: as águas no tempo e nos caminhos da cidade* apresenta ao leitor essa trajetória marcada por uma permanência inquietante: a recorrência das inundações e a busca, sem sucesso, por soluções duradouras. Planejada sob inspiração técnica que integrava cursos d'água ao desenho urbano, Petrópolis nasceu com a água como elemento estruturante. O traçado original previa ruas paralelas aos rios, afastamento das construções das margens e um sistema de drenagem coerente com o relevo serrano. Contudo, o avanço da urbanização, a ocupação desenfreada de áreas de risco, a impermeabilização do solo e a fragmentação das políticas públicas alteraram profundamente essa relação. A água, antes aliada do ordenamento, passou a ser percebida como ameaça.

O livro reconstrói mais de 180 anos de inundações registradas em documentos oficiais e na imprensa. Das cheias do século XIX às tragédias recentes, repete-se um padrão inquietante, marcado por chuvas intensas, perdas humanas e materiais, comoção pública e promessas de intervenção estrutural, seguidas de esquecimento. A análise desse ciclo demonstra que os desastres não decorrem apenas da intensidade das chuvas, mas sobretudo de escolhas urbanas equivocadas, omissões administrativas e desigualdades territoriais acumuladas ao longo do tempo.

Entre as respostas mais emblemáticas destaca-se o Túnel Extravasor do Rio Quitandinha planejado no final da década de 1980 e que, felizmente, não foi concluído. Pesquisas iniciais, como parte do Estudo de Impacto Ambiental (EIA), questionaram, acertadamente, o impacto que um volume possível de 100 m³/s poderia causar na vertente escolhida

para despejar esse excesso de água e evidenciaram que o projeto iria apenas transferir o problema de um território para outro.

Esse episódio ilustra os limites de soluções pontuais, como demonstra este livro que, ao articular pesquisa científica, memória social e documentação histórica, ilumina não apenas o passado, mas os caminhos possíveis para o futuro. A superação do ciclo das inundações exige uma governança local capaz de liderar a gestão de riscos com planejamento contínuo e alinhamento às diretrizes nacionais e globais; o fortalecimento da participação comunitária por meio de educação, conscientização e voluntariado; a integração entre conhecimento tradicional e ciência na formulação de estratégias de adaptação climática; a aplicação rigorosa de códigos de construção, infraestrutura verde e zoneamento sensível ao clima; e, por fim, inovação institucional que enfrente limitações financeiras e políticas com orçamento participativo, sistemas de alerta precoce e parcerias com universidades e organizações da sociedade civil. Nesse contexto, comunicação e mídia assumem papel central. A forma como as inundações são narradas influencia a percepção pública do risco, a cobrança por políticas estruturais e a memória coletiva das tragédias. Informar com precisão e no tempo adequado, utilizar linguagem apropriada, contextualizar causas estruturais e manter o tema na agenda pública são algumas das condições necessárias para evitar que o conhecimento acumulado se dissipe após cada evento extremo. Mais do que registrar tragédias, esta obra, *Petrópolis: as águas no tempo e nos caminhos da cidade*, propõe uma pergunta essencial: como transformar conhecimento acumulado em ação efetiva? Em tempos de mudanças climáticas e eventos extremos mais frequentes, reconhecer a história das inundações é um passo decisivo para romper o ciclo da surpresa. Seguir o curso das águas, aqui, é reconhecer que o futuro de Petrópolis depende das escolhas que hoje se fazem diante de seus rios.

David Stevens, consultor e especialista em RRD

PETRÓPOLIS

As águas no tempo e

nos caminhos da cidade

PETRÓPOLIS

As águas no tempo e
nos caminhos da cidade



Pedro Henrique de Lima Silva
Rafaela Facchetti Assumpção
Francisco Dourado
Cilene Victor

RIO DE JANEIRO
2026

Copyright © 2026. Pedro Henrique de Lima Silva, Rafaela Facchetti Assumpção,
Francisco Dourado, Cilene Victor
Foi feito o depósito legal.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Petrópolis: as águas no tempo e nos caminhos da cidade / Pedro Henrique de Lima Silva...[et al.]. -- Rio de Janeiro : Faculdade de Geologia : Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2026.

Outros autores: Rafaela Facchetti Assumpção, Francisco Dourado, Cilene Victor
ISBN 978-65-985148-6-0

1. Desastres ambientais 2. Desigualdades sociais
3. Mudanças climáticas - Aspectos ambientais
4. Petrópolis (RJ) - Aspectos ambientais 5.
Petrópolis (RJ) - História 6. Planejamento urbano
Aspectos ambientais I. Silva, Pedro Henrique de
Lima.
II. Assumpção, Rafaela Facchetti. III. Dourado,
Francisco. IV. Victor, Cilene.

26-347331.0

CDD-981.53

Índices para catálogo sistemático:

1. Petrópolis : Rio de Janeiro : Estado : História
981.53

Suelen Silva Araújo Oliveira - Bibliotecária - CRB-8/11482

Design e Editoração Eletrônica
Noosfera

Capa

Imagem histórica da cidade de Petrópolis (RJ) extraída do acervo do Museu Imperial.

Agradecimentos

Agradecemos ao Museu Imperial de Petrópolis pela cessão de imagens do seu acervo.
Agradecemos ao Prof. Manoel Couto Fernandes por conseguir a foto do Plano Koeler restaurada.
Agradecemos o Patrocínio do Comitê Piabanha.

Editora da Faculdade de Geologia da UERJ.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| PREFÁCIO | 7 |
| APRESENTAÇÃO | |
| <i>As águas no tempo e nos caminhos da cidade</i> | 11 |
| <i>Caminhando pela História de Petrópolis</i> | 15 |
| Plano de Júlio Frederico Koeler | |
| <i>Ao longo do caminho, a inundação</i> | 33 |
| Cronologia dos desastres desde o século XIX | |
| <i>As inundações nos jornais</i> | 59 |
| Frequência dos eventos e a narrativa repetida de surpresa | |
| <i>Entre soluções e esperança</i> | 81 |
| Propostas elaboradas para enfrentar as inundações | |
| <i>Inundação em debate</i> | 114 |
| CONSIDERAÇÕES | 116 |
| POSFÁCIO | 118 |

Petrópolis - As águas no tempo e nos caminhos da cidade

“Petrópolis foi projetada como uma cidade imperial para servir de refúgio à Corte brasileira. Fundada em 1843, foi cuidadosamente planejada com equilíbrio entre a urbanidade e a natureza. O projeto original foi sendo desarticulado sob pressões econômicas, sociais e políticas. A canalização dos rios, a impermeabilização do solo e a supressão das matas nativas estressaram o sistema hídrico local. A desigualdade territorial tomou conta das encostas e da cidade. Foi concebida para receber colonos europeus e abrigar a nobreza imperial, mas excluía a população pobre que, desde o início, foi relegada a áreas periféricas. As desigualdades sociais que hoje marcam Petrópolis têm raízes no modelo econômico histórico”.

Esta é a narrativa lindamente elaborada na obra *Petrópolis - As águas no tempo e nos caminhos da cidade*. Fruto de vários trabalhos acadêmicos, incluindo uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado, o livro é uma viagem no tempo e na “evolução” de uma área urbana onde os deslizamentos e inundações viraram rotina. A falta de opções de terrenos planos, a especulação imobiliária e a expansão da ocupação das áreas de encosta são um prato perfeito diante de eventos climáticos extremos crescentes.

A obra coleta e reporta frequentes e fortes inundações há mais de 100 anos, com a ausência total de planos de apoio à população afetada. Vulnerabilidade e negligência fazem parte da história de Petrópolis.



Inundação de 1934 na Praça Dom Pedro, Avenida Sete de Setembro. Acervo do Museu Imperial.

Olhando para o presente, a obra permite lançar um novo olhar sobre a Petrópolis contemporânea, uma cidade que guarda em sua paisagem os vestígios de um passado ambicioso, mas também os sinais de alerta não atendidos. Ao fazer esse percurso pela história urbana e das inundações, o livro guia o leitor a refletir sobre como os caminhos de Petrópolis foram se desenhando junto às águas e como as decisões e omissões do passado ainda moldam os destinos do presente da cidade.

É importante salientar que, infelizmente, o exemplo de Petrópolis não é único. O aumento da frequência e da intensidade de fenômenos climáticos extremos atinge todo o planeta. Seus impactos socioeconômicos, contudo, são mais pronunciados em áreas não preparadas para grandes inundações, como Petrópolis. Observamos que as inundações no Rio Grande do Sul, em 2024, e os deslizamentos de encostas em Juiz de Fora, em 2026, entre muitos outros eventos, causaram prejuízos enormes ao país. Nas dez maiores inundações brasileiras, foram registradas 4.658 mortes, e as ações de socorro custaram mais de R\$ 11 bilhões. Em 2011, a Região Serrana do Rio foi destruída por temporais que provocaram 918 mortes. As obras de socorro consumiram R\$ 5,8 bilhões. Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo foram os locais mais devastados. Na Serra das Araras, no Rio de Janeiro, em 1967, deslizamentos causaram 1.700 mortes. Observamos a recorrência de deslizamentos na Região Serrana do Rio.

Os eventos climáticos extremos já aumentaram em frequência e intensidade e vão aumentar ainda mais. Não há políticas globais efetivas para que o planeta se livre dos combustíveis fósseis, que são a principal causa das mudanças climáticas. O IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas) aponta que, em um planeta 4°C mais quente, os eventos climáticos extremos

serão 39 vezes mais frequentes e cinco vezes mais intensos. O Brasil é muito vulnerável às mudanças climáticas e precisa se adaptar ao novo clima e ao que virá nas próximas décadas.

Ao final, a obra discute possíveis soluções e esperanças para a população vulnerabilizada. Ao longo da história, muitas intervenções foram realizadas de forma parcial, frequentemente subordinadas a interesses políticos de curto prazo ou à lógica da reatividade pós-desastre. Certamente há soluções para esse cenário. As chamadas soluções baseadas na natureza, como jardins filtrantes, pavimentos permeáveis e recuperação de áreas de infiltração, ajudam muito. Obras estruturais, como túneis extravasores, reservatórios de retenção e obras de macrodrenagem, são necessárias em muitos casos. São necessários, também, maiores investimentos em sistemas de monitoramento, alerta e resposta, além do fortalecimento da defesa civil e de planos de moradia popular fora da área de risco. Ninguém mora em área de risco porque quer. A população de baixa renda acaba ficando sem alternativa, empurrada pela especulação imobiliária e pela falta de políticas efetivas de moradia popular.

As soluções para as inundações de Petrópolis passam pela combinação de conhecimento técnico, responsabilidade política e engajamento comunitário. De maneira clara, documental e histórica, sempre guiado pelo rigor científico, o livro discute um tema urgente para o Brasil.

Boa leitura a todos.

Paulo Artaxo
Professor da Universidade de São Paulo



As águas no tempo e nos caminhos da cidade

Há cidades que parecem feitas de pedra e história. Outras, de memória e água. Petrópolis, talvez, seja um pouco de tudo isso. Criada como projeto imperial e planejada sob a promessa de ordem urbana e paisagem bucólica, a cidade cresceu entre vales e morros, atravessada por rios que, ao longo do tempo, também escreveram sua própria narrativa. Neste livro, convidamos você a caminhar entre imagens e palavras que revelam essa trajetória marcada pelo encantamento e pela beleza, mas também pelo trauma e pela força avassaladora das águas.

A proposta deste livro-álbum é entrelaçar as camadas da história de Petrópolis com as das inundações que moldaram seu presente. Ele nasce do desejo de reunir a força da pesquisa acadêmica a imagens e memórias, transformando o conhecimento em diálogo público. Em especial, tomamos como base duas produções científicas: a dissertação de mestrado de Pedro Henrique de Lima Silva, apresentada no Mestrado Profissional em Gestão e Regulação de Recursos Hídricos (ProfÁgua/UERJ), sob orientação do Prof. Dr. Francisco de Assis Dourado da Silva, e a tese de doutorado de Rafaela dos Santos Facchetti Vinhaes Assumpção, desenvolvida na Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/Fiocruz), sob orientação da Profa. Dra. Débora Cynamon Kligerman e coorientação da Profa. Dra.

Simone Cynamon Cohen. A partir desses dois estudos e de seus referenciais teórico-conceituais, o livro busca tornar mais acessível a pesquisa de impacto social e, ao fazê-lo, contribuir para uma partilha e um debate mais amplos sobre o presente e o futuro de Petrópolis, também desenhados pelas montanhas e pelas águas.

Organizado em cinco partes, o livro propõe um percurso que é, ao mesmo tempo, histórico e afetivo. Na primeira, *Caminhando pela História de Petrópolis*, revisitamos o plano idealizado pelo engenheiro Júlio Frederico Koeler e os fundamentos da Cidade Imperial, uma urbanização racional que não resistiu às pressões do crescimento desordenado, da especulação fundiária e da leniência do poder público ao longo das décadas.

A segunda parte, *Ao longo do caminho, a inundação*, retoma a cronologia dos desastres desde o século XIX até as tragédias recentes, como as de janeiro de 2011, no contexto do maior desastre ambiental da história do Brasil, e as de fevereiro e março de 2022, que mais uma vez revelaram o descompasso entre a magnitude das inundações e a vulnerabilidade da cidade. Ambas as seções estão amparadas na pesquisa de Rafaela Facchetti Assumpção, ao apontarem como a negligência ao Plano Koeler, a ocupação de áreas de risco e a ausência de políticas habitacionais efetivas se somaram à precariedade da gestão urbana para compor um cenário recorrente de risco e sofrimento.

Na terceira parte, *As inundações nos jornais*, observamos como a mídia registrou esses eventos, desde os primeiros relatos no século XIX até os noticiários atuais. A seleção de imagens e manchetes torna explícita não apenas a frequência dos desastres, mas também a narrativa repetida de surpresa e impotência, como se não houvesse memória institucional nem aprendizado acumulado.

Na quarta parte, *Entre soluções e esperança*, com base na dissertação de Pedro Lima, discutimos as inúmeras propostas elaboradas ao longo da história para enfrentar as inundações, muitas delas esquecidas ou jamais executadas. A seção apresenta também diretrizes recentes que articulam soluções baseadas na natureza, obras de engenharia, políticas públicas e participação social. A cidade, que tantas vezes testemunhou a força da água, precisa agora ser capaz de transformar esse conhecimento em ação.

Ao final, na quinta parte, *Inundação em debate*, acrescentamos a narrativa de dois seminários promovidos pelo Comitê Piabanha, pelo Ministério Público, pela Rede Ser.ra, pelos Vigilantes da Chuva e pelas instituições de ensino e pesquisa CEFET, UniFASE e ENSP. O primeiro ocorreu em 25 de abril de 2024 e o segundo em 30 de abril de 2025, ambos realizados no auditório da UniFASE/Petrópolis. Intitulados, provocativamente, “Existem Soluções para as Inundações de Petrópolis?” e “Existem Soluções para as Inundações de Petrópolis? - Respostas”, os encontros trouxeram a discussão técnica para a sociedade petropolitana e abriram espaço para que o público ouvisse e opinasse sobre possíveis soluções. Ambos foram transmitidos on-line pelo canal do Comitê Piabanha no YouTube, cujas gravações permanecem disponíveis.

Este livro não busca romantizar a catástrofe nem oferecer soluções fáceis. Ao reunir registros fotográficos, documentos históricos, pesquisas acadêmicas e memórias urbanas, pretende contribuir para uma leitura mais crítica e, ao mesmo tempo, afetiva da cidade. Porque Petrópolis é feita também daquilo que a água não levou: a resiliência e o sentimento de pertencimento das pessoas que a habitam, a memória que resiste e a esperança que insiste em reconstruir.



Caminhando pela História de Petrópolis

Petrópolis nasceu da necessidade de segurança física e econômica da família imperial. Sonhada como refúgio da Corte brasileira, a cidade foi, ao mesmo tempo, projeto político e experimento urbano. Quando D. Pedro II subiu a serra com sua comitiva para escapar do calor e das doenças tropicais do Rio de Janeiro, levava consigo não apenas o desejo de um clima mais ameno, mas também a intenção de construir um novo símbolo de modernidade. A fundação da cidade, em 1843, esteve atrelada à lógica imperial, ao imaginário europeu e à crença na engenharia como solução para a ordem e, não menos relevante, como fonte importante de renda para os cofres do Imperador, por meio do aforamento das terras.

A materialização desse sonho coube ao engenheiro alemão Júlio Frederico Koeler, responsável por idealizar, a partir de 1843, um plano urbano que combinava racionalidade geométrica, funcionalidade sanitária e uma estética de integração com a paisagem. O chamado Plano Koeler foi concebido em diálogo com o pensamento higienista europeu e com os princípios da engenharia militar, propondo ruas largas, canais abertos, áreas verdes e zonas de produção agrícola destinadas aos colonos alemães que se fixaram na região. A água, elemento abundante na Serra da Estrela, era vista como aliada: estruturava o traçado da cidade, orientava o sistema de escoamento e compunha sua beleza.

Em 1846, Koeler entregou um levantamento topográfico completo das terras do Imperador, com a divisão dos prazos de terras hierarquizados e indivisíveis em profundidade. Com um enorme diferencial para a época, todos os lotes ficavam de frente para os rios, mas separados pelo arruamento, com o intuito de incorporar os rios à paisagem urbana e afastar residências e comércios das margens, protegendo-os de possíveis inundações. Estabelecia-se, ainda, que os esgotos deveriam correr em tubulações enterradas nas ruas e serem levados para estações de tratamento, não lançados nos corpos hídricos.

Defendida em 2015, a tese *Petrópolis - um histórico de desastres sem solução? Do Plano Koeler ao Programa Cidades Resilientes* resgata essa matriz fundadora para mostrar como o projeto de Koeler foi, ao longo do tempo, sendo desarticulado por pressões econômicas, sociais e políticas que fugiram ao controle e às premissas do desenho original. A cidade idealizada, marcada pelo equilíbrio entre técnica e natureza, deu lugar a uma urbanização caracterizada pela fragmentação, pela desigualdade territorial e por um progressivo afastamento dos princípios de planejamento.



1930-Completamente inundada a Praça Visconde de Mauá....

1 Acervo do Museu Imperial.

Como discutido na tese, à medida que Petrópolis se consolidava como destino de vilegiatura e polo industrial, a ocupação ultrapassou os limites propostos pelo plano. O núcleo fundacional, planejado para comportar poucos milhares de pessoas, não acompanhou o crescimento populacional, que saltou de 30 mil habitantes, em 1940, para quase 300 mil moradores no século XXI. O resultado foi a multiplicação de ocupações irregulares em encostas e margens de rios, quase sempre desprovidas de infraestrutura. O relevo acidentado da serra, antes respeitado pela engenharia de Koeler, passou a ser vencido por construções precárias, abrindo caminho para processos de vulnerabilização cada vez mais intensos.

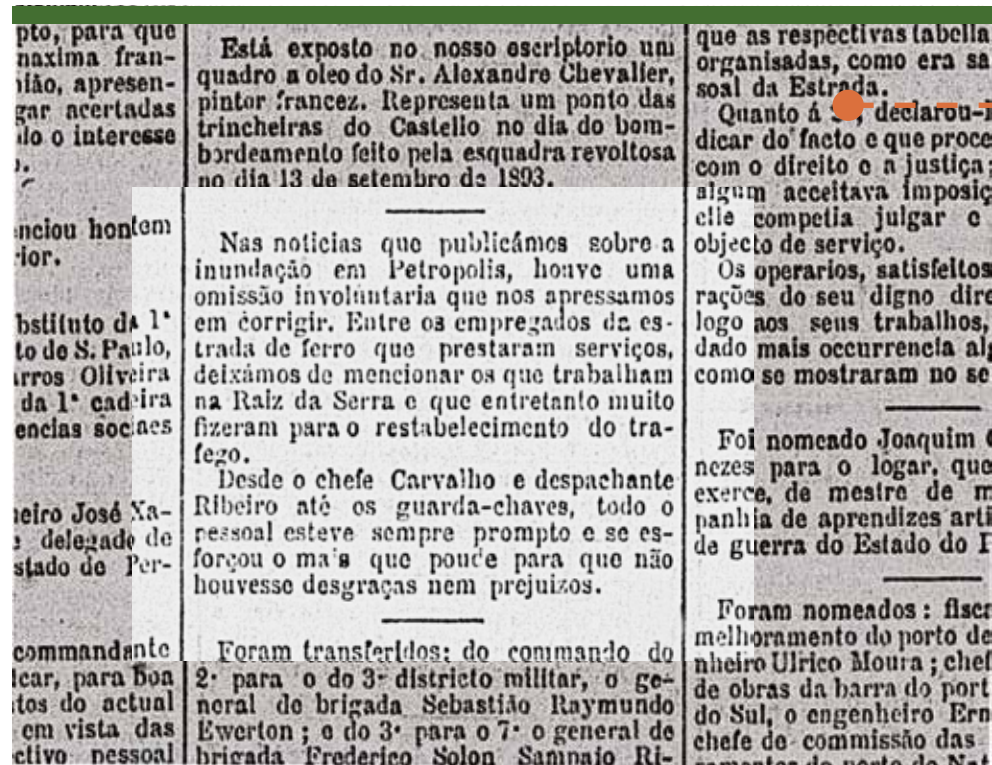
2 Jornal do Commercio (RJ)
(15 de janeiro de 1856)

| PROVINCIAS E EXTERIOR. | |
|-------------------------|--------|
| Preços adiantados. | |
| FOR UM ANNO. | 24,000 |
| FOR NOVE MEZES. | 19,500 |
| FOR SEIS MEZES. | 13,000 |
| FOR TRES MEZES. | 7,000 |

que é seu, pilha ali al-
ento do que lhe teria ca-
um juizo fiscal para pro-
niquidade, sem embargo
os tempos, em que cada
ortar-se com o que sof-
ento dá signal de sentir o
agário a apparecer no
la, e então houve quem

— INUNDAÇÃO. — De Petropolis nos escrevem com data de 13 do corrente, dando noticias de uma inundação que ali causou a tormenta d'agua que cahio toda a tarde e grande parte da noite de 10 deste mez. Trasbordáram os canaes, alagando ruas e praças. Muitas pontes forão levadas pela enchente e pelos madeiros e arvores que erão derribados e levados pela torrente.
E' esta a maior enchente de que se tenha ali conhecimento.

— PENSÕES. — Por decreto de 10 do corrente mez foi concedida á viuva e filhos do Dr. José Vieira Rodrigues de Carralho e Silva a pensão annual de 4:000.



3 Gazeta de Notícias (RJ)
(5 de janeiro de 1895)

Com o tempo, o que era considerado recurso, os rios e os lagos, passou a ser tratado como obstáculo. A canalização dos rios, a impermeabilização do solo e a supressão das matas nativas estressaram o sistema hídrico local. Os canais de drenagem, previstos no plano original como elemento de convivência com a natureza, tornaram-se condutores invisíveis de esgoto. A lógica da especulação imobiliária venceu e continua vencendo, na prática, o ideal de cidade saudável do século XIX.

A cidade tornou-se exemplo de descontinuidade entre planejamento e realidade, entre projeto e gestão. A ausência de políticas habitacionais eficazes, combinada à leniência histórica do poder público, resultou em uma ocupação marcada por iniquidades visíveis. As áreas formais e a maior parte das construções tombadas pelo patrimônio histórico receberam proteção, revitalização e investimentos, enquanto os territórios informais, situados em áreas de risco, expandiram-se à margem do planejamento e dos serviços essenciais.



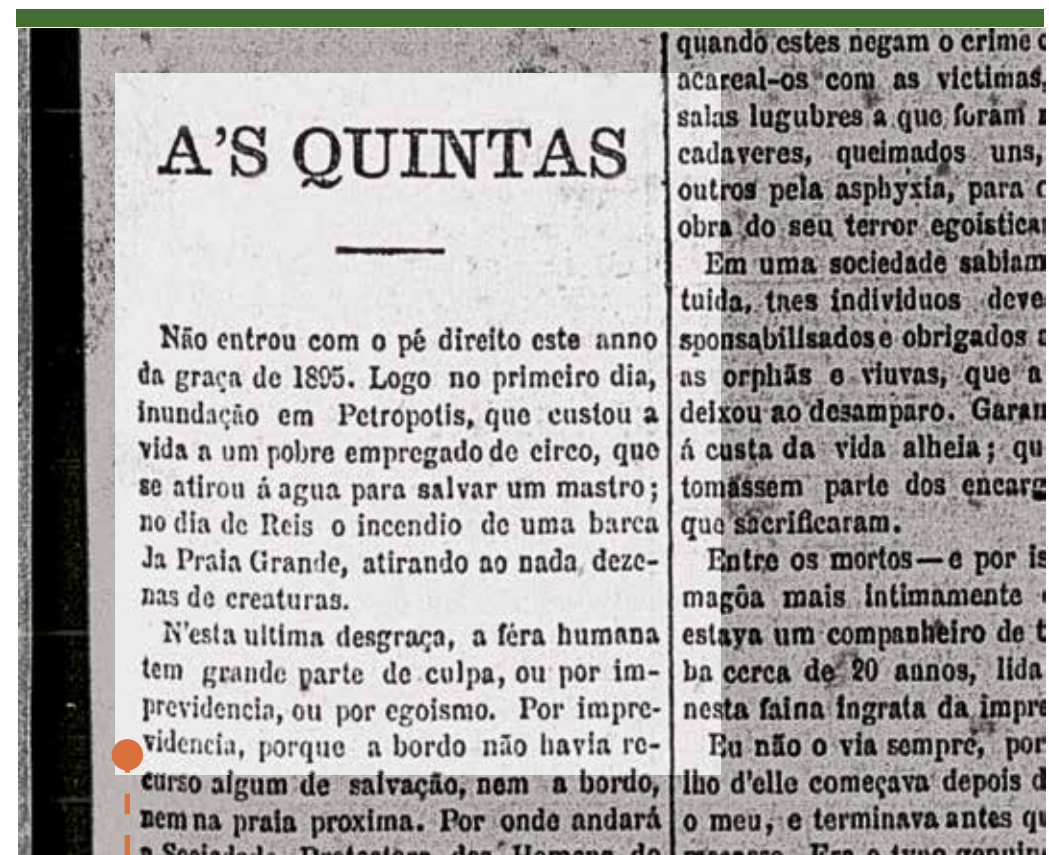
4 Sem indicação de data e local. Acervo do Museu Imperial.

A tese ainda recupera as ambivalências do próprio Plano Koller. Embora inovador em muitos aspectos, como o respeito ao relevo e a incorporação da água como parte do desenho urbano, ele também refletia as hierarquias sociais de seu tempo. A cidade foi concebida para receber colonos europeus e abrigar a nobreza imperial, mas excluía a população pobre, que foi, desde o início, relegada a espaços periféricos. A desigualdade que hoje marca Petrópolis tem, portanto, raízes históricas.

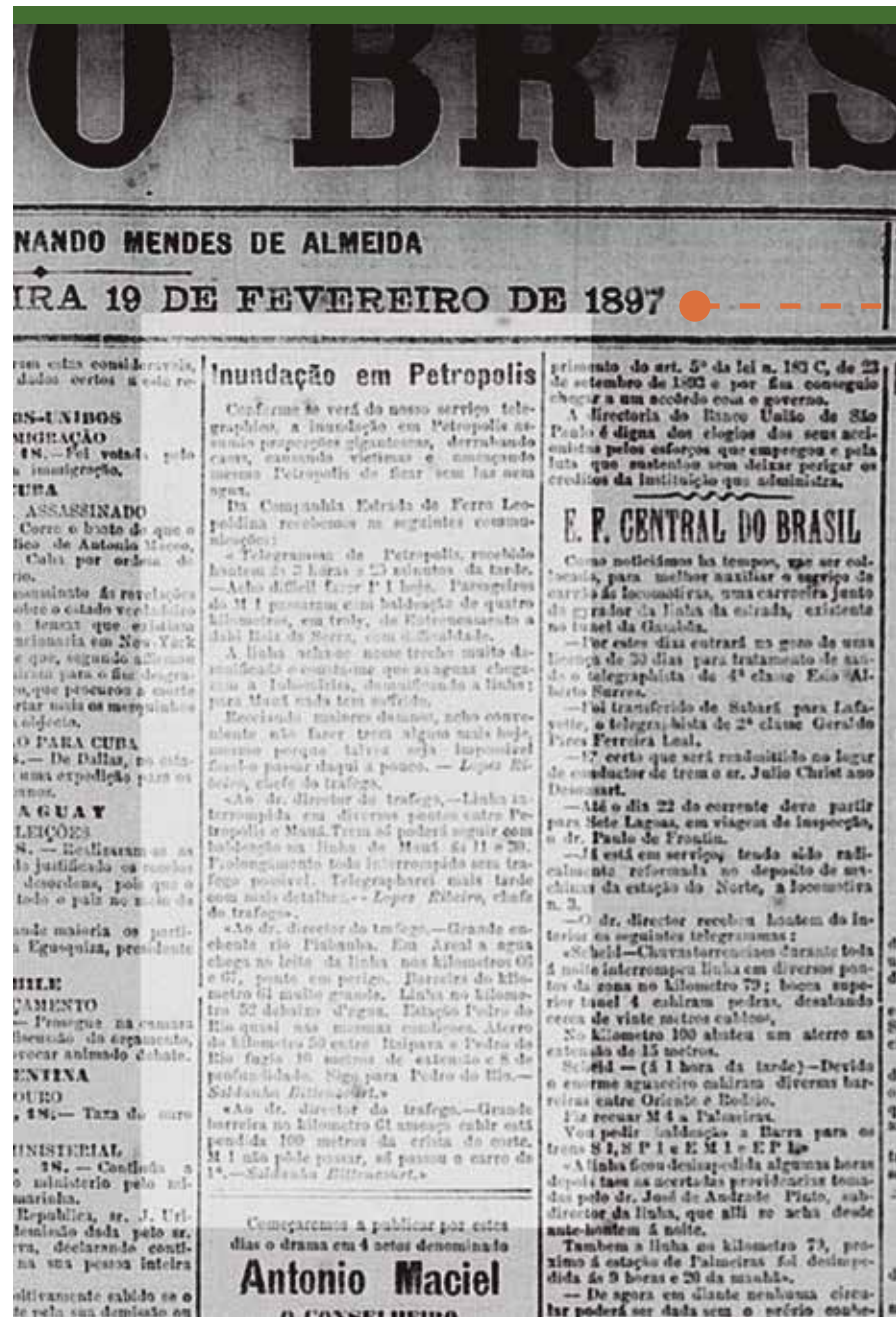
Torna-se imperativo iluminar as camadas de tempo e disputa. Um exemplo é a forma como as intenções de ordenamento se perderam diante da omissão do Estado, da força dos interesses privados e da naturalização do crescimento desordenado. Ao falar das inundações, é necessário abordar conceitos da saúde pública, do urbanismo e da justiça ambiental para demonstrar que a história urbana de Petrópolis é também a história de suas vulnerabilidades construídas, não apenas pela geomorfologia, mas pela política e pela negligência.



5 Rua do Imperador. Acervo do Museu Imperial.



6 Gazeta de Notícias (RJ)
(10 de janeiro de 1895)



7 Jornal do Brasil (RJ) (19 de fevereiro de 1897)



8 20 de março de 1930 - Foto adquirida na feirinha de Antiquidades de Petrópolis, acervo Rafaela.

A cidade que hoje enfrenta desastres recorrentes, como os de 2011 e 2022, é a mesma que um dia foi pensada para conviver com a água, não para combatê-la. A recorrência das tragédias mostra como a ruptura com o plano fundador comprometeu a capacidade de convivência com o território. A água, que era central à lógica de ordenamento, tornou-se ameaça para milhares de moradores de todas as classes sociais, uma vez que a vulnerabilidade das construções irregulares amplia o número de mortos, desabrigados e desalojados, enquanto os prejuízos de comerciantes e moradores do Centro Histórico têm peso nas tomadas de decisão.



11 Gazeta da Tarde (RJ)
(19 de fevereiro de 1897)



12 Em frente a Rua Marechal Deodoro, sem data. Acervo do Museu Imperial.



13 Jornal O Fluminense (17 de março de 2000, replicando matéria de 17 de março de 1900)

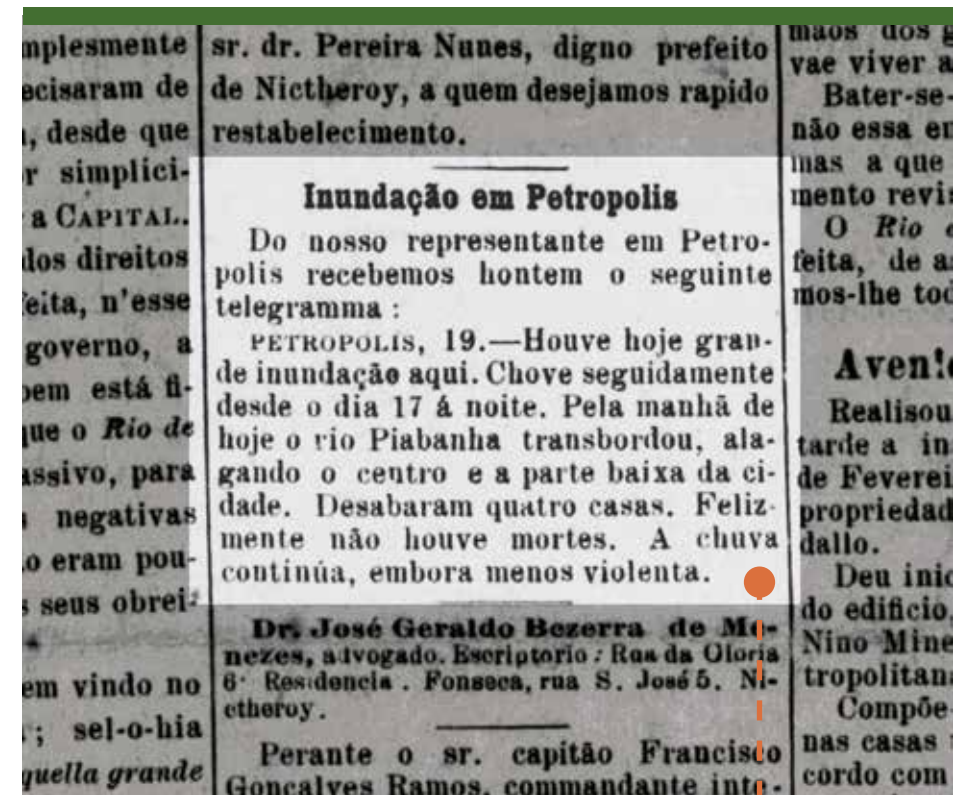


14 Palácio Amarelo, Praça Visconde de Mauá. 1930. Acervo Museu Imperial.

O Plano Koeler, ainda que pioneiro e sofisticado para sua época, não deu conta de prever os efeitos das pressões demográficas e da especulação imobiliária. A idealização de uma cidade-jardim, formulada como conceito por Howard somente no final do século XIX, e inspirada nos moldes alemães, desfez-se diante das dinâmicas de crescimento desordenado, da ausência de políticas públicas de habitação social e da incapacidade histórica dos poderes locais de controlar a ocupação urbana. Os rios, antes tratados como elementos de organização da malha urbana, passaram a ser encobertos, retificados, canalizados e ainda estreitados, perdendo sua função ecológica e ampliando a vulnerabilidade às inundações.



15 Palácio Amarelo, Praça Visconde de Mauá 1930. Acervo do Museu Imperial.



16 Jornal A Capital
(20 de fevereiro de 1905)

A urbanização acelerada e a crescente impermeabilização do solo intensificam os impactos dos eventos extremos. A topografia montanhosa, somada à ocupação de encostas e margens de rios, compôs o cenário no qual chuvas intensas rapidamente se transformam em tragédias. O afastamento progressivo entre os projetos urbanos e as características geomorfológicas consolidou uma lógica de risco que persiste até hoje. A história de Petrópolis, portanto, não pode ser lida apenas como uma sucessão de marcos fundacionais ou ciclos econômicos, mas também como a sobreposição de camadas de vulnerabilidade, negligência e resistência.



17 O Fluminense
(2 de abril de 1906)

Reconhecer essa complexidade é fundamental para compreender a cidade de hoje. O resgate histórico da gênese do plano urbano, das intenções de ordenamento e dos desvios ocorridos ao longo do tempo permite lançar um novo olhar sobre a Petrópolis contemporânea, que guarda em sua paisagem os vestígios de um passado ambicioso, mas também os sinais de alerta não ouvidos. Ao fazer esse percurso pela história urbana e das inundações, este livro convida à reflexão sobre como os caminhos da cidade foram se desenhando junto às águas e como as decisões ou omissões do passado ainda moldam os destinos do presente.

Ao longo do caminho, a inundação

A história de Petrópolis tem sido marcada por um ciclo de inundações, deslizamentos e perdas humanas que desafia a ideia de uma cidade-modelo. Em meados do século XIX, iniciam-se os registros históricos que apontam a ocorrência de cheias do Rio Piabanha e de seus afluentes, com impactos significativos sobre as áreas urbanizadas. As inundações de 1850, 1862, 1875 e 1895 aparecem em documentos oficiais e relatos da imprensa da época como eventos que, embora reconhecidos, não mobilizaram políticas públicas estruturantes. Essas primeiras tragédias já evidenciavam o descompasso entre a ocupação urbana e a capacidade de resposta do poder público, dinâmica que atravessaria o tempo.

Durante o século XX, a intensificação da urbanização e a multiplicação de assentamentos precários nas encostas ampliaram o risco de desastres. Eventos como os de 1930, 1945, 1966 e 1988 deixaram marcas de destruição, mortes e deslocamentos internos.

As três inundações sucessivas de 1966 levaram à primeira providência concreta de enfrentamento no Centro Histórico, com o projeto coordenado pelo Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS) para a construção de um túnel extravasor destinado a transferir cerca de 50% da vazão de cheia do rio Palatino para a bacia do rio Itamarati.

Grande inundação em Petrópolis

Mais uma victima do temporal — Detalhes sobre as damnificações



Ao alto, tres aspectos da avenida 15 de novembro, e, em baixo, a praça Pedro II e a rua Washington Luis, passado o temporal; ao centro, uma das victimas

PETROPOLIS, 21 (Do correspondente d'O JORNAL) — Conforme tivemos prioridade em noticiar, o violento temporal que hontem desabou sobre esta cidade teve funestas

consequencias. A ultima das enchentes de que foi theatro esta pittoresca cidade serrana, deu-se em 1930 e assumiu caracter verdadeiramente catastrophico.

O aguaceiro de hontem, pela rapidez com que as aguas subiram, transbordando dos rios, alagando as ruas, invadindo as casas, so não atingiu ás proporções da ultima en-

chente, por ter o temporal demorado apenas duas horas.

Novos e sansacionais informes sobre a enchente em Petrópolis

Recebemos novas informações do nosso correspondente sobre o tremendo temporal que assolou Petrópolis.

Os negociantes, cujos prejuizos são avultados, diante da ameaça de falencia, vão requerer moratoria. Até agora sabe-se que dez pessoas perderam a vida, sendo seus corpos arrastados pela correnteza.

A cidade está sem agua, pois rebentou a adutora.

Varias pessoas acharam nos raios dos esgotos das ruas, cedulas de 200 e 500 cruzeiros, provenientes de bancos atingidos pela enchente.

TUDO SOBRE ESPORTES diariamente, na Tamoio, ás 12,30

19 Diário da Noite (RJ)
(27 de março de 1945)

Já o episódio de 1988, que resultou em 134 mortes em Petrópolis, a maioria em áreas de alta vulnerabilidade social, não produziu avanços estruturais. A cada nova tragédia, as promessas de prevenção e de políticas públicas mais eficazes se esvaziavam diante da reincidência dos mesmos fatores estruturais, como expansão desordenada, ausência de controle urbano, déficit habitacional e negligência estatal.

Uma das maiores tragédias do Brasil, em número de mortes, ocorreu em janeiro de 2011, episódio que ficou conhecido como o megadesastre da Região Serrana do Rio de Janeiro. Entre os dias 11 e 12 daquele mês, chuvas intensas atingiram Petrópolis, Teresópolis, Nova Friburgo e outras cidades próximas, resultando em inúmeros deslizamentos de terra. Em Petrópolis, 73 pessoas morreram. No total, a tragédia ceifou 918 vidas, deixou mais de 300 pessoas desaparecidas e ao menos 35 mil desalojadas ou desabrigadas na região. A força das águas arrastou casas, pontes e escolas. As imagens dos deslizamentos e da lama cobrindo bairros inteiros circularam pelo mundo, marcando de forma singular a memória coletiva.

18 "Enchente em 1964. Fotografia da Av. XV de Novembro, focalizando as imediações do Grande Hotel, tirada pelo repórter Wilson Jiló, correspondente de O Globo em Petrópolis", esta legenda encontra-se datilografada no verso da foto. Acervo de Rafaela.



1930 - A avenida Sete de Setembro vista da ponte larga que ficava em frente ao portão do Palacio Imperial

20 Acervo do Museu Imperial.

COMERCIO — QUARTA-FEIRA, 28 DE MARÇO

O TEMPORAL DE ANTE-ONTEM

DESMORONAMENTO DE ATERROS NA E. F. CENTRAL DO BRASIL — INUNDAÇÃO EM PETRÓPOLIS — NUMEROSAS MORTES — OS PREJUÍZOS VERIFICADOS

Após um dia de intenso calor, em que a elevação da temperatura culminou a tarde desabou ante-ontem, cerca das 20 horas, no Rio e nas proximidades um forte aguaceiro, acompanhado de trovoadas.

Nossa Capital, felizmente, o temporal, de curta duração, não causou prejuízos.

Nas vizinhanças do Rio, em Belém, Pass Leme, e notadamente em Petrópolis, a tempestade, muito mais violenta, causou danos avultados.

Petrópolis, 27 (Aaapress) — Urgente — Um forte temporal desabou na noite de ontem sobre esta cidade, inundando as casas comerciais e residenciais. As águas subiram em vários pontos da cidade a uma grande altura, como aconteceu na Avenida 15 de Novembro, onde chegou a um metro e 20 de altura. Calcula-se em alguns milhões de cruzeiros os prejuízos pois as águas invadiram diversos estabelecimentos, dos quais retirou portas e tudo mais que encontrava pela frente. Vários jornais tiveram as águas dentro de suas oficinas assim como nas redações.

"A Tribuna de Petrópolis" teve inestimáveis prejuízos pois além das águas invadiram suas oficinas, onde atiraram a maquinaria. inutilizou também várias obras que estavam sendo impressas ali, algumas das quais foram levadas pela correnteza. Felizmente não há danos pessoais a registrar.

Apesar das águas terem baixado altas horas da noite, o temporal continua inocentemente não havendo entretanto perigo de que volte a se repetir a enchente de ontem à noite.

Continuam a nos chegar a conhecimento novos e impressionantes detalhes da catástrofe verificada ontem, à noite, nesta cidade na qual perderam a vida, numerosas pessoas.

Não há uma só casa comercial que não tenha sofrido as consequências do forte temporal, assim como a indústria.

É digno de registro o trabalho do 1º Batalhão de Caçadores, da Prefeitura Municipal e do Corpo de Bombeiros, os quais não medem sacrifícios para libertar as famílias que se encontram esoterradas e outras sem abrigo, despidas de qualquer conforto. Cenas conmovedoras tem-se passado durante estas últimas horas nesta cidade. Senhoras que procuram os seus filhos estes, por sua vez, as suas mães, perdidas na confusão dos próprios acontecimentos.

Sobe a mais de 18 o número de mortos e desaparecidos, calculando-se ainda, em algumas dezenas de feridos, felizmente sem gravidade.

Embora não se possa precisar os prejuízos causados ao comércio local pela enchurrada, avalia-se entretanto, que tenham ultrapassado a soma de 20 milhões de cruzeiros.

Em virtude de terem sido levados pelas águas, os postes condutores a cidade ficará privada de água potável, pelo espaço de 3 dias, no mínimo. Petrópolis, também, ficará sem leite e pão durante um período equivalente.

Logo que teve conhecimento dos trágicos acontecimentos da cidade serrana, a Legião Brasileira de Assistência, pôs-se em campo iniciando os socorros às vítimas, fazendo uma larga distribuição de roupas e alimentos aos mais desamparados, procurando, ainda, facilitar-lhe abrigo aqueles que tiveram os seus lares completamente destruídos pela fúria das águas.

DILIGENTE legião do Francisco cidade em a serenidade do advogado Von Berna va resili com o Ou Rio Lacer apresenta para feita. Um proce eados, e cã de es senhora a O del Moreira, a autoridade C. G. de determinoário Jorg Saude, a A con disposição de Orfãos colúnia e Ramo n.º 2. Rua Coelho B. tiveram si lens Porto

CHOC rua Bara ombus de dirigido p o auto-los Corra de Retull e motorist eulo, Alag Marquês. Ambos Miguel Cu

CAIU curou tem son o n Oliveira, a n.º 18, de colhido p n.º 1.436. Dirigi n.º 2.570, te da bri foi remon ande teve sendo int Recorre.

ADRE press e Horta e a na rua M agrediu o Pra.º, as Tund mento, C proveem agradecei que lhee

O Ce grama d realizari explicou cola que oativas. falou um educosco de Educ apiauso. O Su ca prefe tados.

O a

21 Jornal do Commercio (RJ) (28 de março de 1945)

3384)

cerces o respeito á dignidade da pessoa humana com seus direitos invioláveis emanados de doura". (Transcrito da "A União", de 24-6-45). (39138)

A Enchente de Petrópolis

Relembrando a noite trágica de 26 de março

Ainda está na lembrança de todos a catástrofe que assolou Petrópolis na noite de 26 de março ultimo, que tão grandes prejuízos causou á cidade serrana, notadamente ao seu comércio e á sua industria. Foi como todos estão lembrados, uma das maiores enchentes que se registrou até hoje em nossa terra. A poética cidade petropolitana, a enamorada de Pedro II, viveu dias amargos. Milhares de cruzeiros, representados por mercadorias, edifícios que desmoronavam e tudo o mais rolaram impulsionados pela enxurrada impiedosa, sem esquecer também as vidas que se perderam, homens, crianças e mulheres que eram tragados pelas águas, muitos em pleno sono. Foi justamente para vir ao encontro de tantos prejuízos morais e materiais, que o Governo houve por bem assinar o decreto 7.443 de 5 de abril ultimo, decreto este que autorizava o Banco do Brasil a conceder auxilio aos vitimados da catástrofe, auxilio que consistia em empréstimos a juros de 5 % e pelo prazo de dez anos, além do decreto que concedia moratória ao comércio e á industria. No entanto, três meses são passados, o terceiro mês de moratória já se vai vencer no dia 5 do próximo mês, e nada de ser cumprido o decreto governamental, em tão boa hora assinado, mas retardado o seu cumprimento, graças á burocracia, que mais uma vez prejudica não somente uma cidade inteira, mas também uma coletividade. São industriais em situação angustiosa, fábricas ameaçadas de paralisação e, conseqüentemente, muitos operários á beira do desemprego. Se o decreto do Governo foi assinado para resolver um problema de urgência, por que os poderes competentes retardam a sua concepção? Essa é a pergunta aflitiva que fazem industriais e comerciantes da cidade petropolitana e Patif do Alferes. E não sabem o que fazer, caso tarde mais ainda a solução ansiosamente esperada. Que fazer? Talvez entregar os pontos, fechar suas portas, em detrimento da industria nacional e de centenas de famílias cujos chefes perderão sua colocação. (Transcrito do "Globo" de 23 do corrente). (33385)

3384)

residente le Cultu ados fo na for- ta, com- a Geral sará na anha nu- taroetra rá lugar 16 horas

acão, orlo do

SINDICATO DOS ENGENHEIROS DO RIO DE JANEIRO ASSEMBLEIA GERAL EM 1ª

COMODA ANTIGA Vende-se uma trazida da China

Av. Rio

Vende-se Rua P Avenida

ES

Vende-se dos de Im liar. Prac

O

Reforma ta roupa, feito, por dos Inv frente ao 42-0554.

16 m/m nova, ocas 147 próximo

REM

Vendo i ocasião. E ximo Ave

COMPRO PIANO.

PI

E coltas dencia. T

CA

Para

Atendo Domingos.

Es

Capas p

22 Correio da Manhã (RJ) (24 de junho de 1945)

Em 1965 tivemos 175 dias de chuvas

E as chuvas continuam... O ano de 1966 será igual ou melhor do que o anterior, relativamente às chuvas?

E' o que aguardaremos atentamente, a fim de não sermos colhidos de surpresa, por novas enchentes, cujos resultados, infelizmente, têm sido aterradores, dando os prejuízos que causam.

Voltemos porém, para os dias chuvosos de 1965. Uma senhora, a título de curiosidade, anotou, no calendário, os dias que choviam em Petrópolis.

Em janeiro tivemos 21 dias de chuvas sendo que, no dia 4 uma tromba d'água caiu sobre a cidade, dando prejuízos incalculáveis; em fevereiro, tivemos Chuvas 21

dias; sendo que no dia 4 forte temporal fez os rios transbordarem, 17,30 ho.as, ocasionando avultados danos; março nos deu 18 dias chuvosos; Abril 15 dias, Maio, 8 dias; junho 6; julho, 15 dias; Agosto foi o mês que nos deu menos chuvas, somente 4 dias; setembro, 12 dias; outubro, 16 dias; novembro 19; dezembro, 17 dias; sendo que, na madrugada de 22, forte tromba d'água caiu sobre a cidade, às 3 horas da manhã, dando um

prejuízo de mais de 1 bilhão, ao comércio, à indústria ocasionando morões desmoronamentos e destruindo dezenas de casas, inúmeras pontes e arrasando os nossos distritos, desde Corréas, que muito sofreu, prosseguindo na devastação até Bonsucesso, Nogueira, Ponte dos Arcos e Itaipava.

Oxalá as nossas autoridades, compreendendo os incalculáveis prejuízos que as enchentes acarretam a todos, inclusive à municipalidade, procurem com urgência, tomar providências para a dragagem dos rios, não só na parte central das nossas artérias, como, também das outras zonas retificando os rios nos distritos.

23 Tribuna de Petrópolis (08 de janeiro de 1966). Registro de que 1965 foi um ano bastante chuvoso, ensejando uma reflexão sobre a importância de se monitorar a umidade do solo.



1934- Avenida Quinze, em frente aos cartórios.

24 Acervo do Museu Imperial.

A tragédia de 2011 provocou uma série de mudanças institucionais na gestão de riscos e desastres no país. Entre elas, a publicação da Lei nº 12.608/2012, que instituiu a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil e dispôs sobre o Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil e o Conselho Nacional de Proteção e Defesa Civil, além de autorizar a implementação de um sistema nacional de

informações e monitoramento de desastres. No mesmo contexto, estruturaram-se, em âmbito federal, o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (CEMADEN) e, no plano municipal, a Secretaria Municipal de Proteção e Defesa Civil de Petrópolis. Ainda assim, a aplicação de recursos em medidas estruturais de prevenção não ocorreu na escala necessária.

onde uma ribanceira rolou, destruindo totalmente mais de 20 casas.

CALAMIDADE

Apesar do intenso e bem organizado serviço de socorro às vítimas, permanecem sombrios os números reais dos prejuízos humanos e materiais da Cidade. Na Delegacia de Polícia de Petrópolis, até ontem à noite, a relação apresentava 27 mortos, em sua maioria crianças e pessoas idosas, que não puderam fugir à avalanche que se abateu sobre o Indaia. Os desabamentos verificaram-se às 21h 30m de domingo, quando a água chegou a atingir, em pleno centro da Cidade, quase um metro e meio.

Ainda no Indaia, 15 crianças ficaram soterradas. As Ruas Adão Brand, Capitão Paulino e 24 de Maio foram os pontos mais danificados.

O Perfeito Plávio Castrioto, ainda sob o impacto da catástrofe, informou que, com esta última enchente, Petrópolis está com mais de quatro mil pessoas desabrigadas e o total das três enchentes — ocorridas em 22 de dezembro, 12 de janeiro e 26 março — registraram mais de 700 casas destruídas, sendo incalculáveis os prejuízos de obras públicas que, em janeiro, após a segunda enchente, atingiam a Cr\$ 2,5 bilhões.

ALEGRIA DE CRIANÇA

Enquanto prosseguem as buscas nos escombros de residências soterradas, as pessoas desabrigadas estão sendo levadas para a Igreja

portância
Por ou
co enviou
Cordelro e
vistoriar a
tituida, em

— O e
sabemos.
tostão de
centou o C

A segu
informou
com o Pre
dando con
se abatera

— Pa
fácil. A s
sima. Toda
gicamente,
cofres do
e Govern

MORATÓR

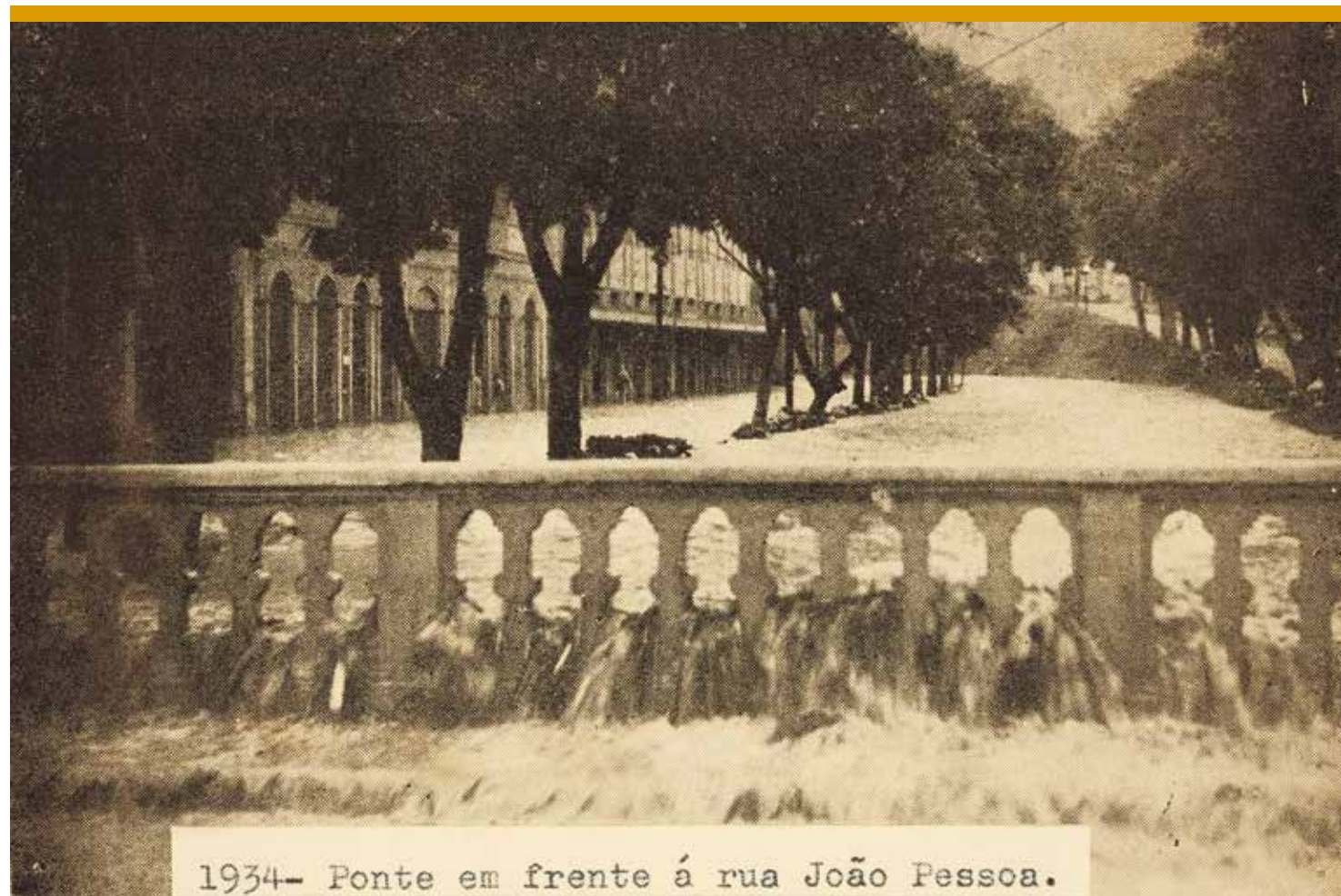
Após d
diretor da
nador Paul
o seu Sect
de concess
Município

— Não
Estou apes
cretário de
de-la — e

Em seg
gando que



1934 - Praça Dom Pedro em tres pontos.

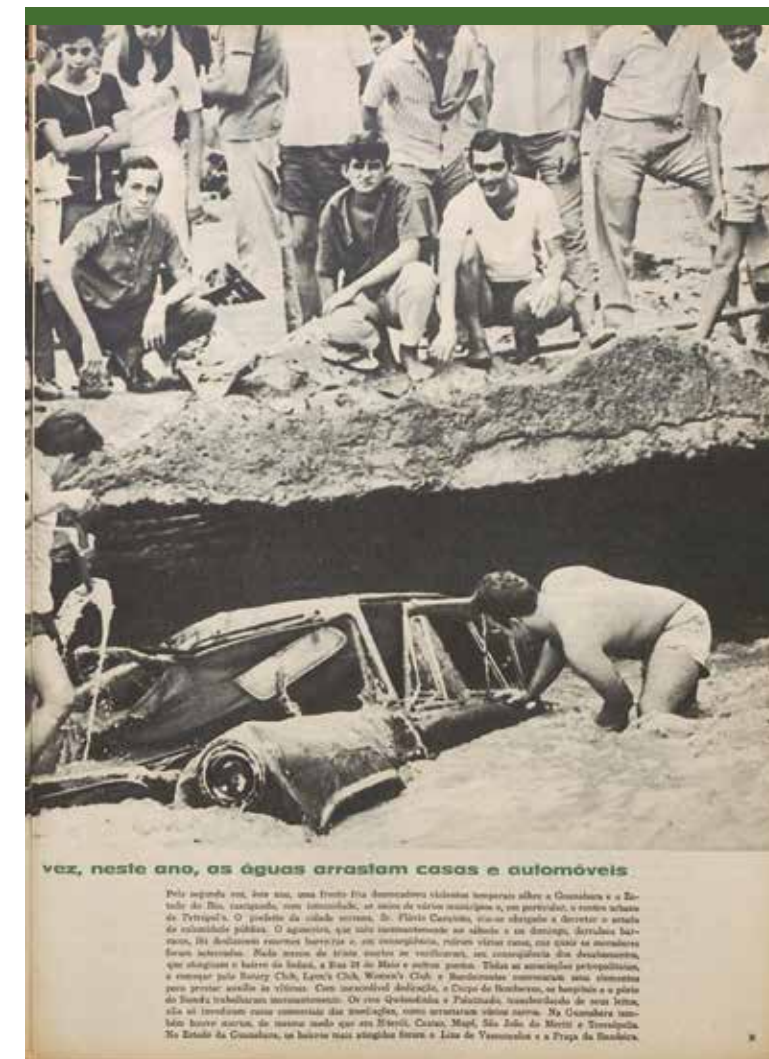


Passada uma década, em 15 de fevereiro de 2022, nova tragédia atingiu Petrópolis. Em apenas seis horas, choveu o equivalente a um mês inteiro. O resultado foi outra catástrofe, com 242 mortes, centenas de feridos e milhares de desalojados e desabrigados. As cenas se repetiram, com moradias soterradas, ruas transformadas em rios e sirenes insuficientes. Em 20 de março, outro temporal agravou o sofrimento da população, evidenciando a vulnerabilidade da cidade diante do aumento da frequência e da intensidade dos desastres, parte deles associada à mudança do clima e parte à precariedade do sistema de prevenção e resposta.

27 Acervo do Museu Imperial.



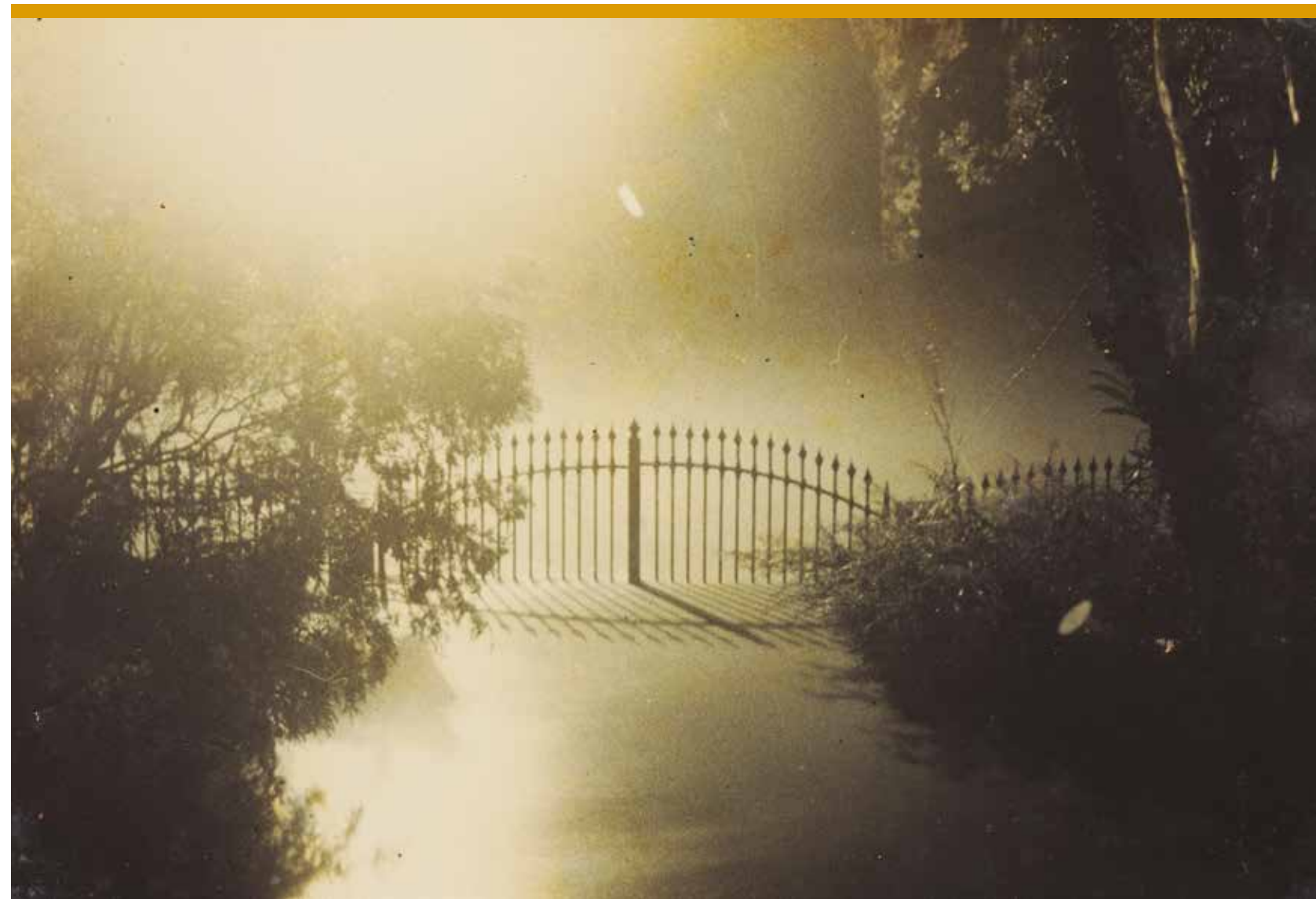
28 Revista Manchete (9 de abril de 1966), ano 13, Nº 729





O acúmulo dessas tragédias não decorre apenas da força da natureza, mas do que se convencionou chamar de catástrofe anunciada. A ocupação irregular de áreas de risco, o desrespeito aos limites geológicos e hidrológicos, a ausência de políticas habitacionais eficazes e a fragilidade da gestão ambiental são fatores estruturais que transformam chuvas intensas em desastres. Ao negligenciar seu relevo, sua hidrografia e a diversidade de sua população, a cidade consolidou as bases de sua própria vulnerabilidade.

29 Jornal do Brasil (RJ)
 (7 de fevereiro de 1973)

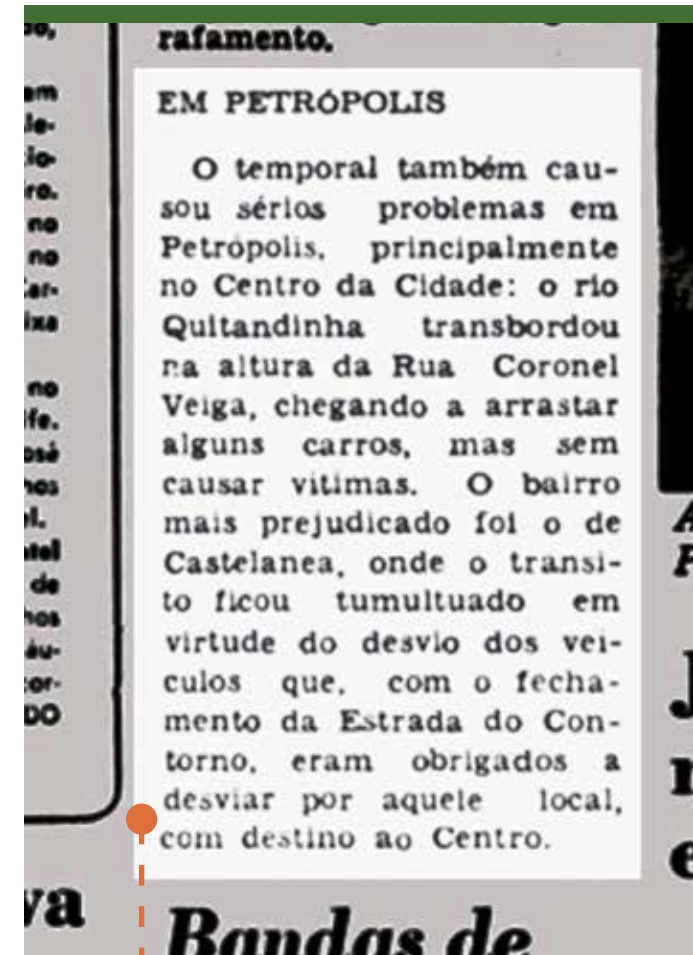


30 Portão do Palácio Imperial.
 Acervo do Museu Imperial.



1945 - Dia 26 de Março, a maior tromba d'água caiu à 9 horas da noite, atingiu todas as vertentes. Únicas fotos tiradas na ocasião, já com o declínio das águas que inundaram a parte térrea da Prefeitura.

31 Palácio Amarelo. Acervo do Museu Imperial.



32 Jornal do Brasil (RJ)
(31 de dezembro de 1976)

Há um padrão histórico na forma como o poder público responde aos desastres. Prevaecem ações pontuais e emergenciais, voltadas à remediação imediata, como o envio de cestas básicas, a reconstrução de pontes ou a liberação de verbas, em substituição a uma política sistêmica de redução de riscos e justiça urbana. Esses episódios, embora produzam grande impacto social, humano, econômico e político, não têm gerado transformações estruturais. A cada desastre, repete-se a mesma sequência, marcada por comoção, promessas e esquecimento.

A fragilidade das políticas habitacionais em Petrópolis constitui um dos fatores centrais dessa crise permanente. A cidade, historicamente voltada ao turismo e à preservação de sua memória imperial, não priorizou a oferta de moradia popular em áreas seguras. As populações de baixa renda foram progressivamente empurradas para zonas de encosta e margens de córregos. Essa lógica de expulsão e invisibilização molda um urbanismo que reproduz desigualdades e aprofunda a segregação socioespacial.

33 Foto adquirida na feirinha de antiguidade de Petrópolis, data no verso 1947. Acervo Rafaela.



34 Jornal O Fluminense (28 de março de 1978)

A negligência em relação ao Plano Koeler também aparece como eixo explicativo. O projeto urbanístico inicial previa a indivisibilidade dos terrenos em profundidade, com o objetivo de assegurar uma única habitação por lote e preservar áreas verdes e organização viária. Esses elementos, se respeitados e adaptados, poderiam ter mitigado parte dos riscos. No entanto, o crescimento desordenado e a omissão do poder público transformaram essa racionalidade urbanística em ruína simbólica. O plano tornou-se um ideal progressivamente distante da realidade.

Observa-se, ainda, o papel das instituições na produção da vulnerabilidade. Não se trata apenas de ausência, mas de presença seletiva do Estado, expressa em fiscalizações que recaem sobre áreas populares, na liberação de empreendimentos em zonas ambientalmente sensíveis, em obras inacabadas e em programas desconectados das realidades locais. Essa gestão fragmentada dos riscos produz territórios sacrificáveis, nos quais a proteção e o direito à vida não se distribuem de forma equitativa.

trêncos de trabalho atuando em todos os pontos atingidos por deslizamentos ou enchentes.”

Enchentes

Na Rua Bingen, uma das principais vias de acesso ao centro de Petrópolis, o rio Piabanha que a acompanha em toda a sua extensão transbordou durante a madrugada, tendo suas águas subido em um metro acima do nível da rua. Em frente ao Hospital Santa Teresa, as águas subiram pouco mais de dois metros. Na Rua Coronel Veiga, o rio transbordou, tendo elevado suas águas em dois metros entre os números 259 e 1349. Nesse trecho, os ônibus da Viação Imperial ficaram impossibilitados de circular até depois das 9h30m, o que prejudicou a ida ao trabalho dos operários das indústrias locais, causando uma incidência de 20% de faltas nas fábricas.

Na Rua General Rondon, o rio Quitandinha transbordou inundando-a em mais de meio metro numa extensão de 200 metros. Na Rua Darmstad, no Bingen, com o transbordamento do rio Piabanha em dois metros acima do nível da rua, os ônibus da Viação Esperança ficaram parados desde as primeiras horas da manhã, tendo sido restabelecido o tráfego no local a partir das 10h30m. Na localidade de Madame Machado, na estrada que liga Itaipava a Teresópolis, 10 casas ficaram ilhadas pelo rio Santo Antônio, mas ao meio-dia as águas já haviam baixado.

Os ônibus e caminhões in-

A do de para Lixo, gen. o sub Bomb lo de dição guarri no lo 12h e dados garan ating C ambu ating do ga ronel Renh zame C empre não e zos te rar o quatr ating teto Cr\$ 5 previa na er reno deslize de un partia celos, C Itaipu banha com t águas

35 Jornal do Brasil (RJ)
(25 de novembro de 1978)

A memória social das inundações em Petrópolis também constitui um campo de disputa. Narrativas dominantes, veiculadas pela mídia ou por discursos oficiais, tendem a naturalizar os desastres ou a culpabilizar os moradores das áreas atingidas. Em contraposição, memórias comunitárias, marcadas pela dor, pela solidariedade e pela resistência, oferecem outras leituras da cidade. Essas vozes precisam ser ouvidas, registradas e integradas às políticas públicas.

Não se trata apenas de narrar uma história de recorrência e negligência, mas também de resistência e de luta pelo direito à cidade. Os desastres de 2011 e 2022 não foram exceções, mas manifestações agudas de uma crise crônica. Compreender essa trajetória permite vislumbrar caminhos para que Petrópolis construa um futuro menos vulnerável e mais preparado para enfrentar eventos climáticos extremos que, com alta probabilidade, continuarão a ocorrer.

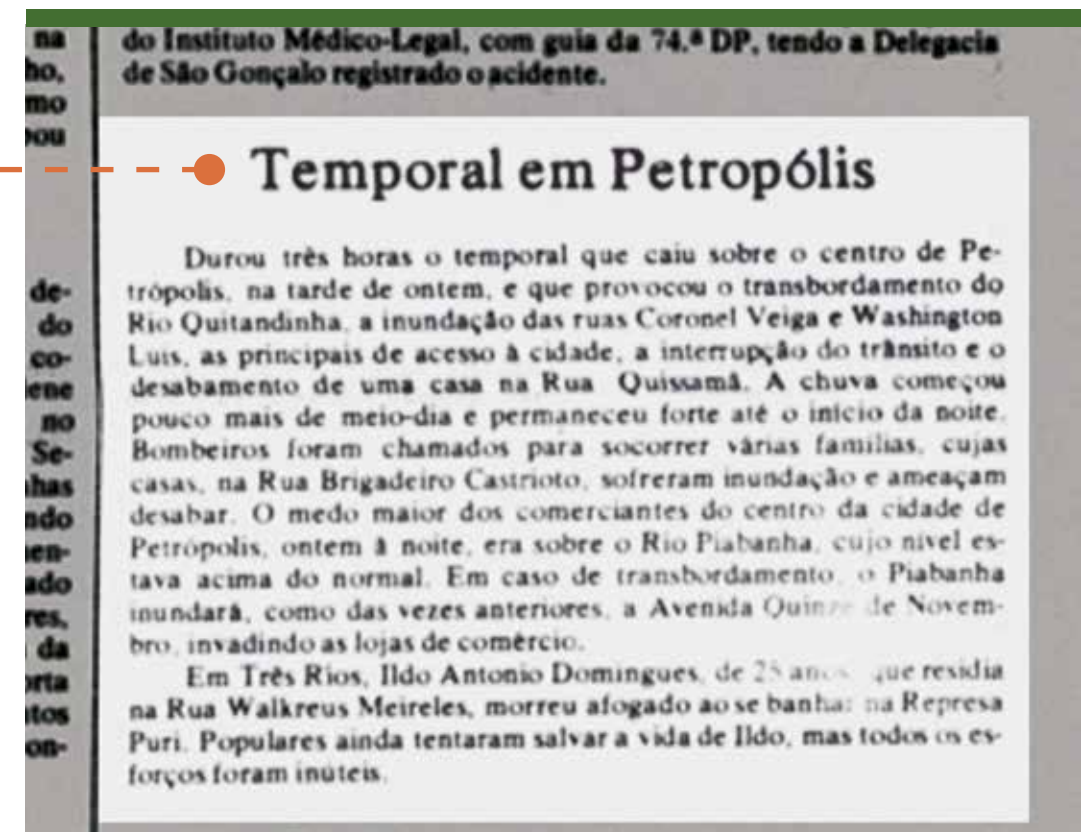


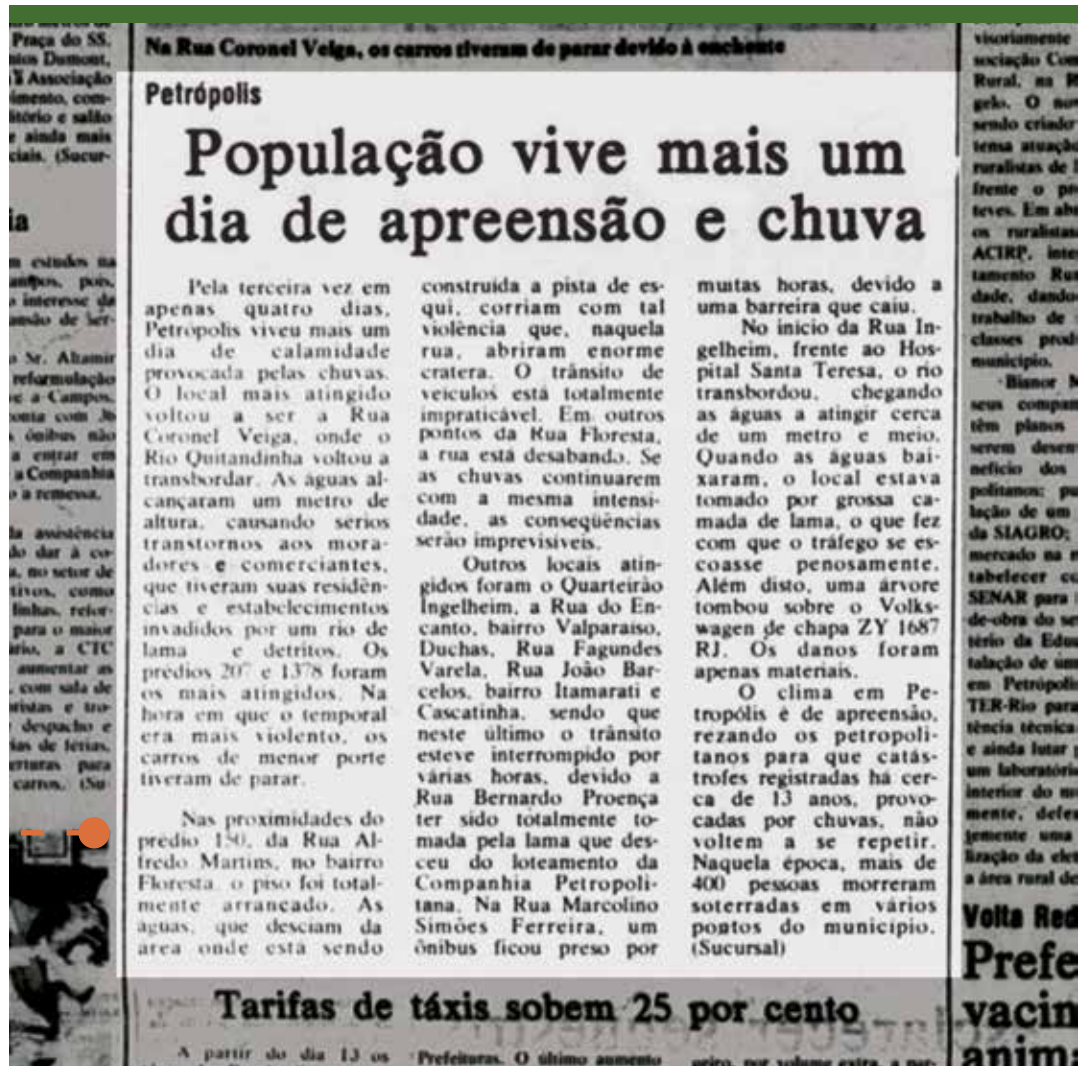
36 “Enchente de 1964. Fotografia da Av. XV de Novembro, focalizando as imediações do “Grande Hotel”, tirada pelo repórter Wilson Jiló, correspondente de O Globo em Petrópolis”. Acervo de Rafaela.



37 Rua do Imperador 1966. Acervo do Museu Imperial.

38 Jornal O Fluminense
(2 de janeiro de 1979)

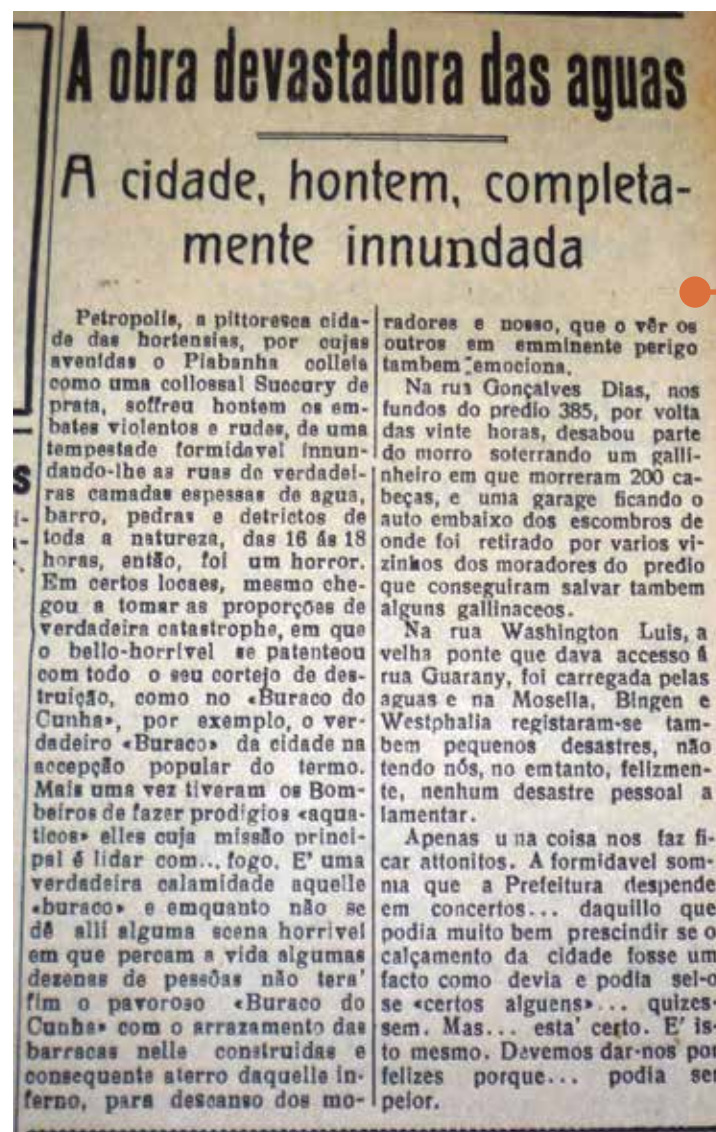




39 Jornal O Fluminense (7 de janeiro de 1979)



40 Jornal O Fluminense (16 de fevereiro de 1979)

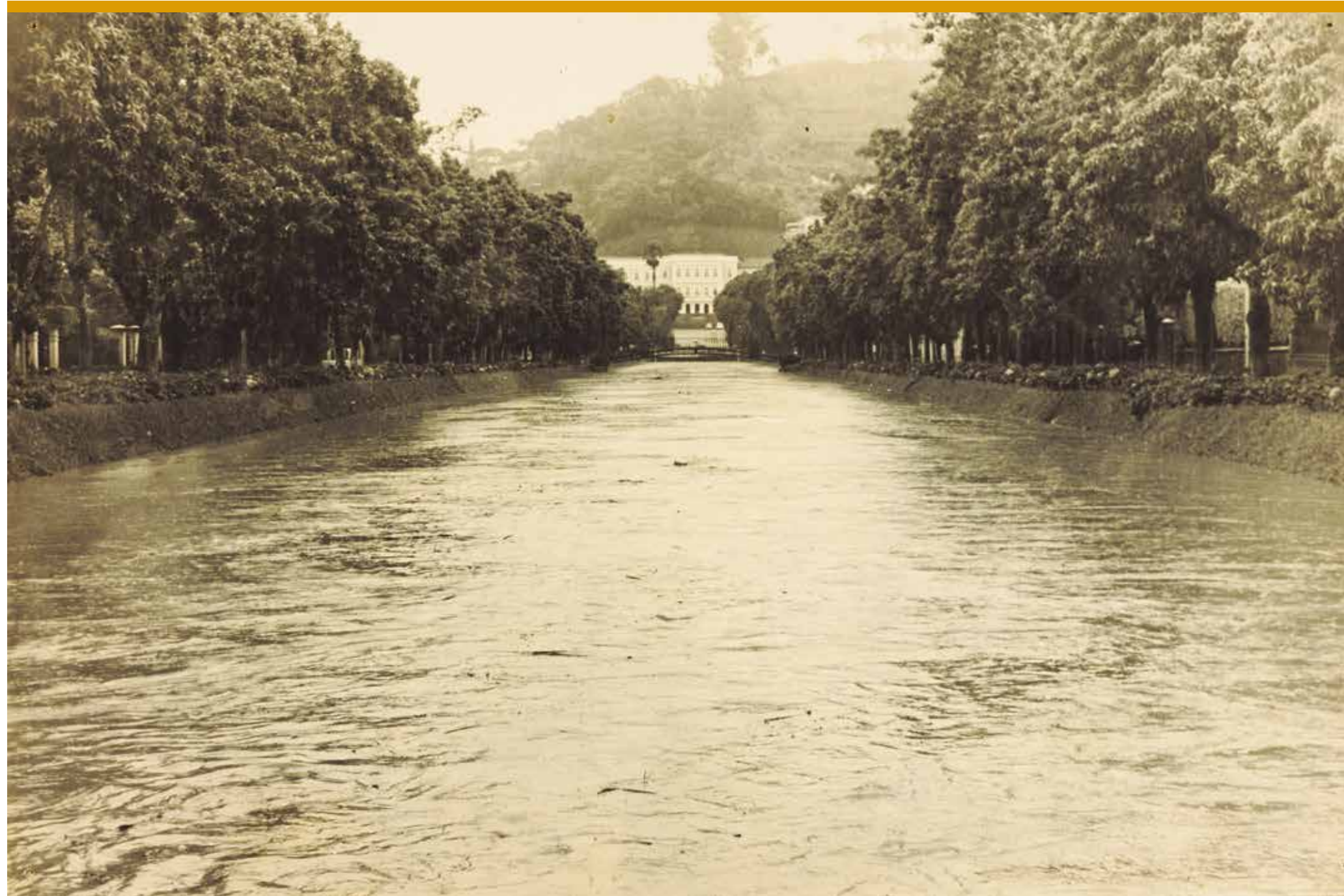


41 Jornal de Petrópolis
(14 de fevereiro de 1929)

As inundações nos jornais

A trajetória dos desastres em Petrópolis também pode ser compreendida a partir das respostas institucionais que, ao longo de mais de um século, oscilaram entre tentativas de solução definitiva e sucessivos esquecimentos. Na dissertação de Pedro Henrique de Lima Silva, intitulada *Análise das Propostas de Solução, Prevenção e Mitigação das Inundações em Petrópolis*, apresentada em 2024 no ProfÁgua da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob orientação do Prof. Dr. Francisco Dourado, a história das inundações é analisada à luz das propostas de prevenção e mitigação elaboradas por diferentes instâncias do poder público. O estudo identifica um ciclo recorrente de diagnósticos, anúncios e baixa implementação. Desde o século XIX, técnicos e autoridades reconheciam a necessidade de intervenções estruturais para o controle das cheias, como canalizações, obras de contenção e reorganização urbana. Ainda assim, os diagnósticos se acumulam sem desdobramentos efetivos, contribuindo para a repetição de danos ao longo das décadas.

No vocabulário corrente da imprensa e da população, a inundação costuma ser chamada de enchente, termo que, do ponto de vista técnico, refere-se à elevação do nível do rio, não necessariamente ao seu transbordamento. Ao longo deste livro, emprega-se inundação com o propósito de assegurar maior precisão conceitual, sem desconsiderar o uso consolidado nos jornais e no cotidiano.



42 Cheia do Rio Quitandinha na Avenida Koeler. Sem data. Acervo do Museu Imperial.

A dissertação destaca a continuidade histórica de fragilidades administrativas frente ao risco, marcada por desarticulação entre os entes federativos, descontinuidade de políticas públicas e baixa execução dos planos elaborados. A ausência de mecanismos de avaliação e monitoramento dos projetos anunciados faz com que cada novo desastre seja tratado como excepcional, mesmo quando ocorre nos mesmos territórios e com consequências semelhantes. Essa lacuna na governança hídrica compromete a efetividade das ações e limita a capacidade institucional de aprendizagem. Nesse contexto, a cobertura da imprensa assume papel relevante, pois integra a construção da memória pública dos eventos extremos.

A história das inundações em Petrópolis não se inscreve apenas na paisagem física da cidade, mas também nas páginas dos jornais. Desde o século XIX, periódicos locais e nacionais acompanham os desastres com registros que combinam descrição factual, indignação e cobrança por providências. A dissertação evidencia como esses relatos influenciam a interpretação social dos acontecimentos e revelam a dificuldade de consolidar uma memória institucional sobre eventos recorrentes.



43 Jornal do Brasil (RJ)
(29 de janeiro de 1981)

A pesquisa recorreu ao acervo digital da Biblioteca Nacional para localizar reportagens publicadas em jornais do Rio de Janeiro sobre inundações e propostas de enfrentamento. Observou-se a recorrência de determinados enquadramentos. Com frequência, os episódios são apresentados como tragédias associadas a chuvas intensas ou atípicas, enquanto aspectos estruturais da vulnerabilidade urbana recebem menor destaque. Questões como políticas habitacionais, ocupação de encostas, investimentos em drenagem e execução de planos diretores aparecem de forma menos sistemática.



44 Inundação na Rua do Imperador. Reconhece-se o Sr. Reinhold Haack, dono da ótica Haack e seu funcionário Jorge (1983). Tribuna de Petrópolis.



45 Rua do Imperador. (1983).
Tribuna de Petrópolis.

46 Jornal do Brasil (RJ)
(14 de dezembro de 1981)

As manchetes dos jornais petropolitanos, em diferentes décadas, mostram padrões narrativos semelhantes, com destaque para a destruição, as mortes e o luto coletivo. A cada novo evento, mobilizam-se relatos de perdas e promessas de providências emergenciais, seguidos por períodos de menor visibilidade pública. Essa dinâmica tende a privilegiar o momento do acontecimento em detrimento de abordagens mais prolongadas sobre prevenção e planejamento urbano.

Corpo de Bombeiros e acudiram que existam mais cinco mortos.

Calamidade pública

As fortes chuvas fecharam as estradas normais de acesso à cidade, e o Prefeito Jamil Sabrá disse, por telefone, que vai decretar, hoje, estado de calamidade pública. No final da tarde de ontem, com centenas de carros a caminho do Rio, saindo de Petrópolis ou passando por lá, a Estrada do Contorno — único acesso à cidade, via Bingen — foi fechada.

Restava apenas uma saída, pela centenária Estrada do Imperador, conhecida de poucos. O DNER espera restabelecer, hoje, uma via de tráfego para Petrópolis, em caráter precário, mas com passagem apenas durante o dia.

Os jornalistas ficaram impedidos de chegar à casa do Prefeito em consequência do transbordamento do rio Quitandinha, que inundou largos trechos da Rua Coronel Veiga (saída para o Rio, via Quitandinha). A chuva começou por volta das 13h e, em menos de 20 minutos, o rio transbordou, demonstrando que precisa ser dragado.

Quem orientou o Prefeito para a decretação de calamidade pública foi o Secretário de Obras e Coordenador da Defesa Civil, Marcelo Iliesco. Pela manhã, ele visitou alguns dos locais mais atingidos (Retiro, Quiçamá, Itamarati, Bela Vista, Ponte de Ferro) concluindo que a situação era particularmente alarmante nas encostas junto ao rio Itamarati, local conhecido como Provisória.

Ali, toda a estrutura do morro apresenta problemas, com fissuras — “uma área em colapso”, segundo o Secretário de Obras. Para ele, só há mesmo uma solução: decretar calamidade pública e afastar todos os moradores de área, até que se decida quais são, ali, os locais realmente seguros para moradias.

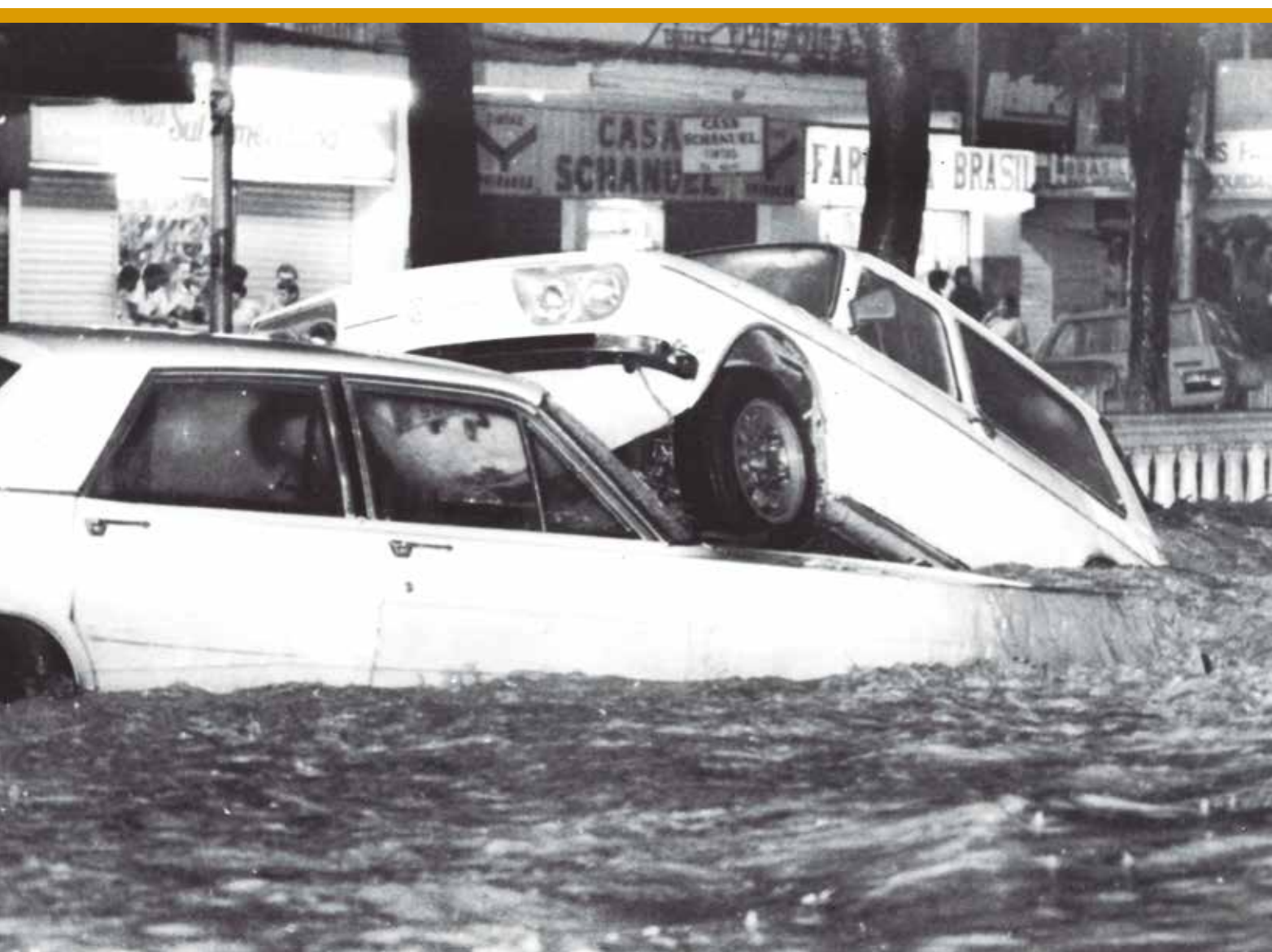
47 Jornal do Brasil (RJ)
(27 de novembro de 1982)



48 Loja inundada na rua do Imperador (1988). Tribuna de Petrópolis.

O tratamento dado ao desastre da Região Serrana, em 2011, ilustra essa tendência. As reportagens enfatizaram o número de vítimas, as cenas de destruição e os esforços de resgate. Também registraram gestos de solidariedade e a mobilização de equipes de emergência. Menos frequentes foram as análises aprofundadas sobre antecedentes estruturais, como a expansão desordenada da ocupação urbana, o cumprimento de planos diretores e a gestão de áreas previamente mapeadas como de risco.

Em 2022, a cobertura apresentou características semelhantes. No episódio de fevereiro, que resultou em dezenas de mortes em Petrópolis, destacou-se a intensidade da chuva, com registros de 260 milímetros em poucas horas. Jornais e portais digitais divulgaram imagens do trabalho de resgate e histórias de famílias atingidas. A análise das responsabilidades institucionais e da execução de obras previstas após 2011 apareceu de forma mais pontual. Esse padrão reforça a centralidade do evento extremo como acontecimento e reduz o espaço para uma discussão continuada sobre políticas de prevenção.



49 Rua do Imperador (1988).
Tribuna de Petrópolis.

Outro aspecto observado é a presença limitada de vozes oriundas das áreas mais vulneráveis. Mesmo quando os bairros mais atingidos se localizam em encostas ou fundos de vale, os moradores aparecem frequentemente como personagens coletivos, com menor espaço para narrativas próprias. A ampliação desses testemunhos pode enriquecer o debate público e qualificar a formulação de políticas de proteção.

A intenção não é imputar à imprensa a responsabilidade pelos desastres, mas refletir sobre a mediação dos fatos e os enquadramentos que influenciam a percepção coletiva. Reconhece-se a complexidade do trabalho jornalístico e suas condições de produção, ao mesmo tempo em que se examinam seus efeitos na construção da memória pública e no debate sobre prevenção.

Apesar das transformações trazidas pelas mídias digitais, a imprensa local mantém papel central na formação da opinião pública sobre os desastres. Jornais impressos e portais on-line continuam a influenciar percepções sociais e decisões institucionais. Por essa razão, a forma como os riscos são apresentados impacta a compreensão coletiva sobre prevenção, responsabilidade e planejamento urbano.

Antônio Teófilo, 54, de sua residência, em Novo. Cariociente. Casa-lva Bastos de ha três filhos: r e Roberto, a neta.

zerra Correia, lia cerebral, no cha Mala. Pau-sora aposentada em Botafogo. Manoel Lima ha dois filhos: Rodrigo, além

é Soares Man-âncer, em sua em Madureira. va de José No-sur, tinha sete n de vários

iniz de Olivei-parada cardío-em sua resi-Mória Carioca, mando Ribeiro tinha uma fi-Maria, além de

irós da Silva, a pulmonar, na José Fernam-a industrialrio Solteiro, mo-nto Cristo.

Loureiro dos de broncopneu-sua residência, Gaucha, viuva Fernandes dos ha oito filhos, dos netos e bis-

barbosa de Al-89, de parada m sua residên-ita, Caniba

As águas mais uma vez inundaram a Rua Bela, em S. Cristóvão, dificultando o tr

Chuva inunda bairros no Rio e mata 3 em Petrópolis

Uma chuva forte, que caiu no final da tarde de ontem, inundou bairros do Rio de Janeiro, principalmente o Centro da Cidade. Em Petrópolis, os rios Quitandinha e Piabanha transbordaram, inundaram as ruas centrais e arrastaram um Fiat, matando três pessoas (um homem e duas crianças). Em Teresópolis, 20 crianças ficaram presas em uma casa, no Centro.

O Aeroporto Santos Dumont, no Rio, fechou para pouso e decolagem às 19h50min e abriu às 21h10min, só para pouso (não havia, até tarde, previsão para reiniciar as decolagens). Os aviões estavam voltando aos aeroportos de onde saíam. A Estrada Rio-Teresópolis fechou por mais de uma hora e a Rio-Petropolis ficou em meia-pista nos km 60,65 e 84, devido a uma queda de barreira.

Inundações

Os municípios que mais sofreram com as chuvas foram Teresópolis e Petrópolis. Em Petrópolis as chuvas

que caíram em três horas na cidade, provocaram muitos estragos nas ruas centrais da cidade. Com o transbordamento do rio Quitandinha, as ruas Coronel Veiga, Washington Luís, Imperador, Imperatriz, Tiradentes, Koeler e Roberto Silveira ficaram interditadas.

O rio Piabanha inundou as avenidas Piabanha e Barão do Rio Branco e provocou estragos na Rua Bingen. Um Fiat com cinco pessoas a bordo foi arrastado pelas águas, que atingiram mais de um metro de altura. Na Rua Coronel Veiga, quatro carros ficaram cobertos pela água — um Maverick BX 0140; um Galaxie BW 3400; um Opala BA 4016; e um Volkswagen. O Hospital Municipal Santa Tereza ficou isolado por quatro horas. Carros-pipa tiveram que fazer a limpeza no local.

Houve desabamento nos bairros de Bom Retiro, Oswaldo Cruz e Cascatinha, mas sem nenhuma vítima. As famílias foram transferidas para a Escola Carlos Demiam.

Mãe de PM esquecido em geladeira quer enterrá-lo

Loteria sai para nº 56 09

A extração da Federal relativa a de Prêmio Brasil mula-1 apresentou seguintes resultados:

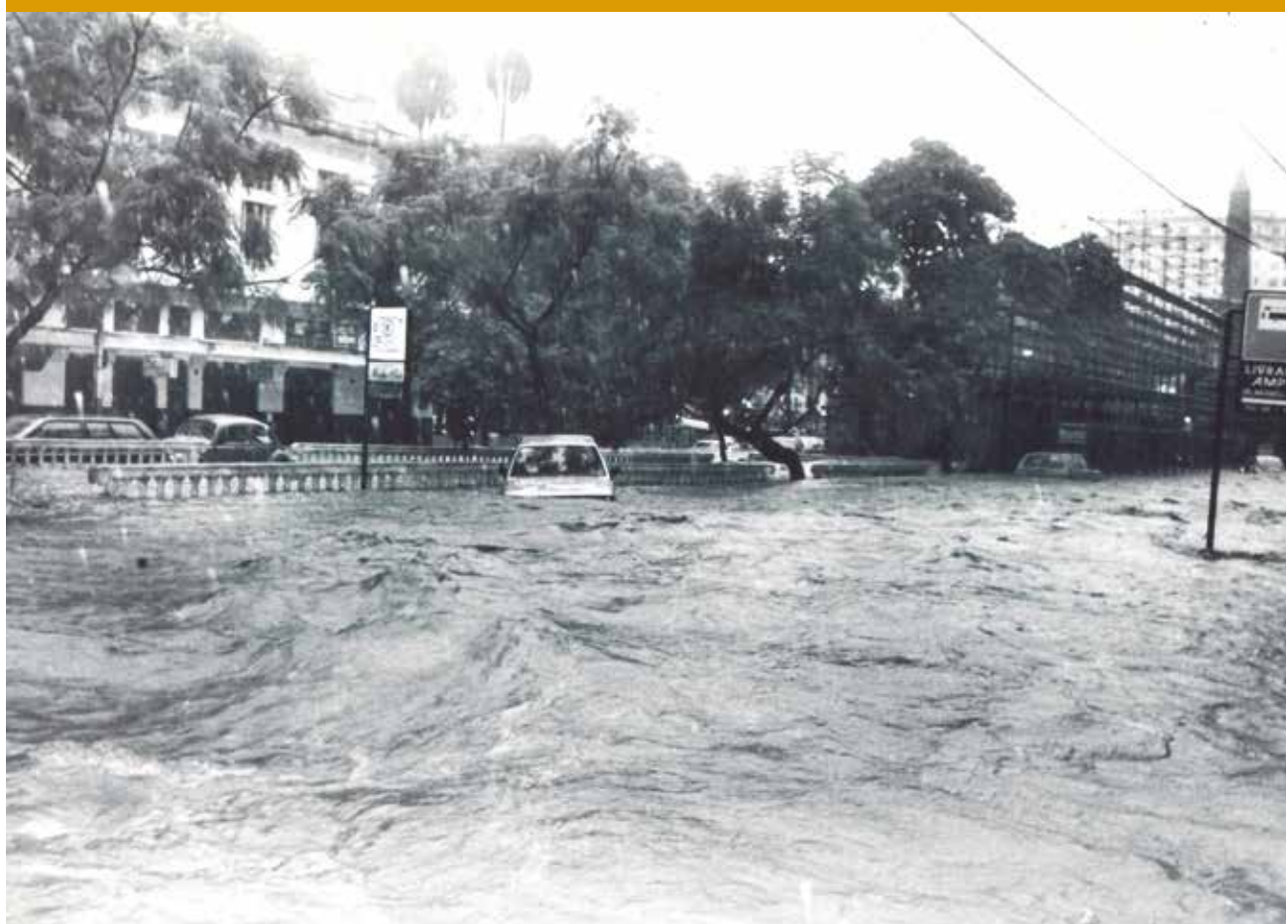
| Prêmios | Valores |
|---------|-----------------|
| 1º | R\$ 200 milhões |
| 2º | R\$ 30 milhões |
| 3º | R\$ 15 milhões |
| 4º | R\$ 10 milhões |
| 5º | R\$ 8 milhões |
| 6º | R\$ 6 milhões |
| 7º | R\$ 5 milhões |
| 8º | R\$ 4 milhões |
| 9º | R\$ 3 milhões |
| 10º | R\$ 2 milhões |

Foram premiados 1 milhão 294 mil e 294 bilhetes:

- 03 546 (1)
- 49 909 (1)
- 48 894 (1)
- 13 230 (1)
- 81 370 (1)
- 43 654 (1)
- 71 745 (1)
- 54 347 (1)
- 23 560 (1)
- 40 133 (1)
- 26 338 (1)
- 12 299 (1)
- 75 571 (1)
- 61 343 (1)
- 96 589 (1)
- 34 155 (1)
- 61 139 (1)
- 53 239 (1)

Carros Mon

- 56 097 (9º vigésimo)
- 92 977 (1)
- 27 207 (5º vigésimo)
- 91 309 (1)



51 Rua do Imperador em frente ao Ed. Arabela (1988). Tribuna de Petrópolis.

Ao analisar a trajetória da imprensa petropolitana diante das inundações, a dissertação demonstra que a comunicação participa da construção social do desastre. Ao informar, selecionar temas e organizar narrativas, os jornais influenciam a maneira como os acontecimentos são interpretados. Nesse processo, moldam a percepção pública de um risco que, embora recorrente e conhecido, frequentemente é tratado como inesperado.

50 Jornal do Brasil (RJ) (14 de março de 1983)

40691
15418
3433
812
4194
63438
1106
5226
25137
16972
20068
52832
21765
33452
34095
10810
557
2958
13600
3780
21301
13128
3211
2963

OS CARTÕES PODERÃO SE TORNAR EFETIVOS, NO ENCAMINHAMENTO DA CAIXA DE PÓS-RECEBIMÉNTOS, APÓS A RATIFICAÇÃO.

VOCE

ser reduzido a 25%, mas a correção cambial dos últimos 30 dias, embora compensada

idade de 50 gramas, passaria dos atuais Cr\$ 135 para Cr\$ 162.

Chuva deixa cinco mortos em Petrópolis

Petrópolis (Sucursal) – Cinco pessoas morreram durante o temporal que desabou ontem na cidade, especialmente no bairro Quitandinha, local com grande densidade de água que, em sua maioria, desce em direção ao Centro, pelo Rio Quitandinha, passando pela estrada do mesmo nome, Estrada General Rondon e Rua Washington Luís, sendo o ponto mais crítico na Rua Coronel Veiga. O Rio Quitandinha ontem chegou a atingir três metros de altura.

Luís José de Leão – que há um ano residia na Avenida Rui Barbosa, no Rio – foi arrastado, com uma mulher ainda não identificada tendo entre 30 e 35 anos, pela correnteza do Rio Quitandinha, quando estava no interior do Corcel, verde metálico, placa WT 4899. Os dois morreram e o resgate dos corpos e do veículo, pelo Corpo de

Bombeiros, demorou cerca de duas horas por causa da forte correnteza.

Na Rua Rio de Janeiro, também no bairro Quitandinha, três pessoas morreram com o deslizamento de uma barreira de grandes proporções. Apenas uma delas foi identificada: o menino Luís Antônio da Costa Mariano, de nove anos. No Hospital Municipal de Petrópolis encontram-se três feridos: Ana Cristina Costa Mariano, 11 anos, Darci Maria Sabino, 50 anos, e Júlio César Sabino, 4 anos.

Vários carros foram arrastados pela correnteza do Rio Quitandinha e o comércio da Rua Coronel Veiga sofreu grandes prejuízos com vários produtos estragados. As águas chegaram a atingir a Rua do Imperador, principal da cidade, e a Praça D. Pedro, onde a água atingiu cerca de um metro invadindo casas e congestionando o trânsito.

preparar
realizará
gentes da
morador
entidade.
luta eficaz

AGE

De A a G
Oculista D
Visc. Rio I
Rio Branco
Cie. — Ru
Araçábia 1
290; Selva
Feliciano 1
Lala — Ru
Sedas Lda
Amazônia
360 Q. S.
celino Leal
229/254; I
seções Li
Rua Aureli
Cam. Imp
mirante Te
Ljs 3/4. G

Cor

52 Jornal O Fluminense
(5 de março de 1985)

Metade da tiragem de 3 mil exemplares reverterá em benefício da campanha contra a Aids. **B**

As pessoas tiveram que se unir para

Temporal em Petrópolis mata três

Três crianças morreram afogadas no bairro do Alto Independência em consequência do temporal de três horas que inundou Petrópolis, afetando o comércio, provocando desabamentos de barracos e deslizamentos em favelas, além de fazer transbordar em um metro o Rio Quitandinha, no Centro da cidade.

As vítimas — Alexandre Rodrigues, 9, Carlos Alberto Medeiros Filho, 12, e uma terceira não identificada —, todas estudantes do Ciep Santos Dumont, brincavam de mergulhar na água da chuva quando foram arrastadas pela correnteza de um córrego. Populares culpam a diretora e professoras pela tragédia e tentaram invadir a escola. (Cidade, pág. 2)

Saúde condena

meu Diamante, convencido de José dos Santos, diante Marcelo

ES

Ao a José Apar de atuação Região Ge res rurais. Para do-o na e Governo p políticas n Com do Banco

Rubricas

Depósitos totais

Operações de Crédito

Patrimônio líquido

O si demonstr Bancos Es de todo o Por setembro



As pessoas tiveram que se unir para enfrentar a enxurrada nas ruas do centro da cidade

53 Jornal do Brasil (RJ)
(10 de novembro de 1987)



comercialização do porque contraria o Pimentel acrescentando decreto também clausividade para a eventos carnavales-

desembargador, a da 4.ª Vara da Fa-incompatível com as Vara da Fazenda embargador Arruda a haviam negado o aneche. Considerou Paulo Pimentel in-a julgar tal matéria e permitido a Man-r o desfile, haveria a Socram, Riotur, nte das Escolas de bo.

iberato

sentador Gugu Li-de seu empresário, com a Rede Globo, rgãos competentes, dois anos de vigên-fixado em Cz\$ 700

ta-feira, dia 10 de resentador, que se ar pelo publicitário solicito revisão das strato, alegando que proposta do SBT de mensais, mas que na Rede Globo por ade que lhe fora eja, Cz\$ 2 milhões

Globo considero a riável e descabida, são apresentar pos-retorno comercial, el pagar ao apresen-valor que ferisse o do elenco principal

referiu a Rede Globo sentador Gugu Li-ade para tomar a he parece-se con-do, no entanto, que liça o cumprimento ntrato por ele as-

oberto Marinho não negociações e na conhece sequer o ugu Libertato, com encontrou.

OS OS

evento e passavam a tirar parte do tempo desligados. Durante um certo período, o trabalho de resgate foi auxiliado pela iluminação do pessoal das equipes de televisão.

estava lavando roupa na hora em que a lixeira começou a deslizar. Correu para ver o que ocorria e a lage caiu por cima dela.

Homens até o final da noite garantiram que há mais corpos sob escombros

Medo da morte faz população abandonar Petrópolis

"A cidade está em fuga". Foi assim que um voluntário do grupo de resgate definiu a trágica situação de Petrópolis, onde 4.038 pessoas foram praticamente despejadas de suas casas pelas chuvas, que deixaram a cidade imperial em escombros e um saldo de 166 mortos em oito dias. Ontem, houve mais interdições de moradias obrigando as pessoas a "fugirem" sem saber ao certo para onde iam. Famílias inteiras carregando objetos, eletrodomésticos e roupas saíram de suas casas acompanhadas por equipes da Defesa Civil que as levavam para abrigos provisórios. Essa triste cena se repetiu em diversos locais.

A imagem de uma população em fuga diante da catástrofe pode se acentuar nos próximos dias. Ontem de manhã o secretário estadual de Transporte Joseph Barat visitou o município para analisar a situação. Diante do quadro de calamidade pública, Barat se colocou a disposição da Defesa Civil oferecendo ônibus para transportar os desabrigados que quiseram ir para outras localidades.

Durante a madrugada, barreiras caíram na cidade, provocando o desabamento de sete barracos no bairro Vital Brasil, sem vítimas. Laboratórios da PUC de Petrópolis foram atingidos pela lama que desceu dos morros e equipamentos foram danificados. As tradicionais lojas de confecção da Rua Tereza, no Centro, foram alagadas. A Defesa Civil informou no final da tarde que 60 barreiras desabaram hoje em Petrópolis.

Os desabamentos ameaçam a PUC de Petrópolis, situada em frente à exótica casa do Santos Dumont. Durante a madrugada, uma barreira que já ameaçava a universidade há algum tempo desabou. Derrubou as paredes dos laboratórios de mecânica dos fluidos, hidráulica e ensaios mecânicos e atingiu os equipamentos. Paulo Gonçalves, administrador do prédio da PUC, denunciou que o acúmulo de lixo doméstico na encosta, que deveria ser recolhido pela prefeitura, foi o que provocou o desabamento. Cerca de 600 dos três mil alunos da universidade não poderão utilizar estes laboratórios no reinício das aulas. Esta barreira, que danificou a aparelhagem da PUC também destruiu duas casas no alto do morro, sem fazer vítimas. Na frente do prédio da univer-



Trabalho nas encostas continua, mas não há segurança de que novos deslizamentos não ocorrerão

sidade, a casa onde Santos Dumont morava estava intacta, apesar de poucos metros adiante haver uma imensa barreira que já começou a desabar. Uma placa no portão da casa diz: "casa construída pelo genial brasileiro, pioneiro da aviação".

O prefeito de Petrópolis, Paulo Rattes, voltou a fazer um apelo para que as pessoas abandonem as casas interditadas pela Defesa Civil, que chegaram a 310 até o final da tarde de hoje. Os técnicos da Empresa Municipal de Obras Públicas receberam 467 pedidos de vistoria de casas que ameaçam cair, mas 208 destas ainda não tiveram o laudo. O trabalho de busca dos corpos soterrados só está sendo realizado na Rua D. João Braga.

Nos outros locais, o risco de desabamento impede que as equipes façam as escavações.

Ontem foram encontrados mais quatro corpos: dois na Rua Casimiro de Abreu, próxima ao centro, um na Dom João Braga e outro na Lopes Trovão. O último corpo a ser retirado de Casimiro de Abreu, onde houve o maior número de mortes, foi o de uma criança.

Um dia de vitórias - Equipes da EMOP, Empresa de Obras Públicas do Estado do Rio de Janeiro, e da Secretaria Municipal de Obras percorreram a cidade para fazer vistorias em diversas construções. O Museu Imperial continua fechado e está com várias rachaduras. Técnicos do DNOS já

foram designados para começar os trabalhos de desassoreamento dos rios. A prefeitura anunciou também que vai construir com as verbas federais cerca de 800 moradias no bairro de Buracada, em Itaipava.

A previsão é de que mais de 500 casas podem ser interditadas nos próximos dias. No centro da cidade, a lama cobre todas as ruas. O nível do rio Alcântara já voltou ao normal, mas pode haver novas inundações porque a chuva começou a cair mais forte no final da noite. Não haverá carnaval nas ruas. O comércio funcionou durante esses dias, mas vai parar no carnaval. Os clubes Petropolitano, Serrano e Bogari vão realizar bailes carnavalescos para uma cidade em luto. Os dirigentes explicaram, no entanto, que 10% de toda renda das festas vão reverter para os desabrigados. Querem fazer com o carnaval ajude a reconstruir a cidade.

O engenheiro Carlos Eurico Poggi de Aragão, responsável pelo trabalho de análise geotécnica, divulgou hoje um relatório informando que são "centenas de lugares atingidos na cidade" e que "nenhum bairro foi poupado". Ele explicou que Petrópolis, situada a uma altitude de 700 metros, tem 80% de sua área urbana em encostas de inúmeros vales, sustentados por maciços rochosos muito vulneráveis à erosão, o que aumenta o risco de desabamentos e "avalanches" de pedras. Os solos são argilosos, "extremamente fracos e infiltráveis" - disse Aragão, enfatizando que é "impossível sustentar encostas com estas características, sem nenhuma drenagem" e com a "ocupação urbana que se realiza há mais de um século e que nos últimos 20 anos se multiplica de forma geométrica".

Nos deslizamentos de hoje não houve mortes, mas, se a chuva continuar como nas últimas 48 horas, centenas de casas, inclusive em bairros de classe média alta, poderão não resistir. Na Rua Santos Dumont corre perigo uma luxuosa mansão de três andares com dez cômodos. Parte da casa já desabou e as chuvas de hoje fizeram com que o alicerce da construção ficasse exposto, no alto de uma ribanceira. Mesmo assim, a viúva do proprietário, Mário Cardoso Miranda, que morreu há seis meses, Arlete Miranda, continua morando lá.

Tragédia pode levar Rattes a juízo

O prefeito Paulo Rattes poderá ter

não se manifestou sobre a respon-

Moreira foi a Sarney pedir recursos já



56 Rua Cel. Veiga (2006). Tribuna de Petrópolis.

55 Tribuna de Imprensa (RJ) (13 de fevereiro de 1988)

so dos mo-
o absurdo,
de maior
Governar
próximo à
direção à
muitas ve-
lo a cami-
os veículos
fa a exten-
do comple-
anha, o in-
naformado
na dos car-
a calçada
de normas
como sum-
principal-
a reclamar
por certas

sob mesma pauta. Uma reuniu
16 representantes de sindicatos
locais, filiados ao Conselho In-
tersindical e foi realizada no au-

trais trabalhadoras do País op-
tassem pela greve geral seria
iniciado na cidade um movimen-
to de mobilização, tendo inclui-

xa de 70,28 por cento, elevando
as perdas salariais da classe tra-
balhadora e faixas variando en-
tre 46 e 64 por cento.

família
zagem d
após a
com a p
lembra
conhece

CORDEI

V
n

O Pi
nardo C
em sua
nha con
nador B
ser com

Temporais transbordam rios e esburacam as ruas

Petrópolis (Sucursal) — Os
dois fortes temporais de domín-
go, tendo a duração de cerca de
duas horas cada, deixaram a ci-
dade com pequenas marcas, pro-
vocando o transbordamento dos
Rios Quitandinha e Piabanha,
inundando os estabelecimentos
comerciais das Ruas Coronel
Veiga, Washington Luis e do
Imperador (até o Obelisco), além
de provocar a queda de uma bar-
reira na Rua Joaquim Gomesen-
ro, altura do número 420, no

Valparaíso.

Uma das lojas afetadas com
a cheia do Rio Quitandinha foi a
recém-inaugurada Papelaria
América. Com o temporal um
barranco caiu na Rua Coronel
Veiga, altura do número 81,
sem fazer vítimas. Segundo Ma-
ria Ceres de Oliveira, encarrega-
da da Coordenadoria Municipa-
l de Defesa Civil, engenheiros
foram acionados para constatar
se o barranco colocava alguma
residência em risco. No local,

acredita-se que um prédio de
dois andares esteja ameaçado.

Já os rios Piabanha e Quitan-
dinha não transbordaram com o
temporal da tarde de ontem.

As chuvas causaram trans-
tornos também aos motoristas e
provocaram o esburacamento de
algumas ruas. Dos buracos, o
maior foi o que apareceu diante
do Shopping Center Pedro II,
decorrente do afundamento de
asfalto na Rua do Imperador.

57 Jornal O Fluminense
(15 de janeiro de 2002)

TRAGÉDIA

Temporal provoca destruição e mortes em Petrópolis

Várias pessoas morreram afogadas ou soterradas devido aos deslizamentos que atingiram as casas nas encostas

•Pelo menos 17 pessoas morreram na madrugada de ontem em consequência da chuva em Petrópolis, na região serrana do Rio. Treze vítimas, entre elas seis crianças, morreram em deslizamentos de terra que atingiram casas no bairro do Contorno, no quilômetro 81 da BR-040. Quatro pessoas morreram afogadas dentro de automóveis. Não há desaparecidos.

Durante boa parte do dia retroscavadeiras retiraram grandes quantidades de terra que deslizaram. Moradores observavam, sem ter para onde ir. O catador Marcelino João, de 34 anos, acompanhou o resgate dos corpos de três filhos e outras seis pessoas da família. Muito abalado, ele contou que a casa onde vivia a ex-mulher, seus três filhos, um enteado, a sogra e três sobrinhos havia sido condenada pela Defesa Civil em outro temporal. "É uma coisa inexplicável. Acompanhei o resgate, mas depois preferi assistir de longe porque é muito duro perder as pessoas dessa forma", disse.

Da família de João morreram a ex-mulher Sandra Helena Barbosa, de 37 anos, os filhos Monique, Maira e Maicon Barbosa João, de 15, 12 e 11 anos, o enteado Igor Barbosa Laureano, 7, os sobrinhos Fabiano, Lais e Ludimila Silveira, de 20, 12 e 4 anos, e a sogra Lourdes Barbosa Silveira, de 61 anos.

As outras vítimas do bairro do Contorno foram Eduardo Almeida Fernandes, João Batista Filho e um bebê, que chegou a ser retirado com vida e levado para um hospital, mas



Equipe do Corpo de Bombeiros procura vítimas do deslizamento de terra

não resistiu aos ferimentos.

Mesmo com risco de novos deslizamentos de terra, moradores não queriam deixar as áreas condenadas por não terem a quem recorrer. Pedro Páris, de 35 anos, por exemplo, está desempregado e não tem parentes em Petrópolis. "Morei no Contorno há anos. Não tenho ideia de onde ir." Em vários locais da cidade houve queda de barreiras e de árvores. Muitas lojas invadidas pelas águas não abriram as portas.

Até o meio da tarde não havia chovido em Petrópolis. Mas a previsão do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) é de chuvas até quarta-fei-

ra. Segundo a prefeitura, choveu em apenas 50 minutos, durante a madrugada de ontem, 180 milímetros.

Rosinha - Hoje pela manhã a governadora do RJ, Rosinha Mathus (PSB), deve ir a Petrópolis. Segundo o secretário de Estado de Defesa Civil, coronel Luiz Carlos Alberto de Carvalho, o município receberá R\$ 200 mil para ajudar as famílias e reconstruir as ruas.

A secretária de Programas Sociais de Petrópolis, Aparecida Barbosa da Silva, informou que toda a região do Contorno havia sido condenada depois do temporal de janeiro de 2002, quando

1.056 pessoas ficaram desabrigadas na cidade.

Segundo ela, 50 famílias do morro foram removidas para casas populares construídas pela prefeitura na região do Quitandinha.

Além disso, já havia sido aprovada a verba de R\$ 511 mil para obras de contenção de encostas e reflorestamento da favela.

"Toda a região é de risco. Temos que recuperar onde ainda dá para morar e retirar as famílias das casas condenadas." Duzentas e vinte famílias que perderam suas casas há um ano continuam recebendo auxílio aluguel de até R\$ 200,00 da prefeitura. ■

ria Águas de Niterói
abundam o Morro da

Niterói, Rio e Interior sofrem com falta de Luz

Terça-feira, 19/3/2013

Chuva

Entre as vítimas estão dois

A chuva que atingiu Petrópolis, na Região Serrana desde a tarde de domingo, deixou 16 mortos - entre eles dois funcionários da Defesa Civil, que foram soterrados quando tentavam salvar uma família que estava na área de risco -, e 560 desabrigados. As 140 famílias, que incluem mais de 300 crianças, tiveram que sair de suas casas e se deslocaram para 18 pontos de apoio no município. De acordo com o prefeito Rubens Bomtempo, a maior parte dos desabrigados está no bairro da Quitandinha, área mais afetada da cidade, onde choveu 416 milímetros em 24 horas.

Além dos deslizamentos de terra, que provocaram 16 mortes e deixaram 20 feridos, houve transbordamento de rios, que alagaram as ruas. O comércio da cidade, que normalmente só abre na tarde de segunda-feira, manteve-se fechado, inclusive a famosa Rua Teresa.

“Se você me perguntar qual o tamanho do problema, ainda não consegui mensurar. A chuva



Bombeiro

59 Jornal O Fluminense
(19 de março de 2013)

Entre soluções e esperança

As inundações em Petrópolis não são apenas testemunhos do impacto das chuvas sobre um território vulnerável, mas também da sucessão de propostas técnicas e institucionais que, ao longo de mais de 180 anos, buscaram conter, mitigar ou prevenir esses eventos. A dissertação de Pedro Henrique de Lima Silva demonstra que a cidade nunca esteve alheia à formulação de soluções. O impasse reside, em grande medida, na implementação. A análise histórica de projetos, planos e diagnósticos evidencia a distância entre o conhecimento acumulado e a ação política efetiva.

Desde o século XIX, autoridades já reconheciam a necessidade de intervenções estruturais para regular o curso dos rios e conter a força das águas nos períodos de cheia. Projetos de retificação e canalização dos rios Quitandinha e Piabanha foram apresentados em diferentes momentos, com destaque para iniciativas ainda no Império, durante o governo de D. Pedro II, e posteriormente na Primeira República. Concebida como polo de veraneio e cidade planejada, Petrópolis demandava soluções técnicas capazes de garantir o escoamento das águas e a segurança das construções. Muitas dessas intervenções, contudo, foram abandonadas ou executadas de forma parcial, frequentemente subordinadas a interesses políticos de curto prazo ou à lógica reativa que se impõe após cada desastre.



60 Acervo do Museu Imperial.



61 Tribuna de Petrópolis
(20 de setembro de 2005)



62 Acervo do Museu Imperial.



63 Acervo do Museu Imperial.

64 Correio da Manhã
(19 de outubro de 1948)

FINANÇAS
4.ª pág.)

Diretoria das
tou, por sua
ta Consultiva
amo sobre o

o, a Junta,
erato-lei nú-
de março de
venção a que
do Ministério
a. opinou no
do que a vi-
o impêdo de
a inenção em
ção de qual-
natureza, é
no campo da
lho Federal

nologado pelo

FINANCIAS
ENTES DAS
IRACIA

latério da Fa-
b a presidên-
a pasta, sr.
m a presença
res do Ban-
omissão Exe-
itabelecimento
comerciais da
e represen-
e São Paulo.
lanco da Bor-
foi feito um
ômica em que
roduto, solici-
ovidências no
ada uma ex-
presidente da
ra de um crê-
cruzeiros des-
to dos exce-
1948 e 1949.
amente os in-
Ovidio de

**DEFESA DE PETRÓPOLIS
CONTRA INUNDAÇÕES**

**Vai ser aprofundado o rio
Quitandinha**

O Ministério da Viação, está estudando a defesa de Petrópolis contra inundações. O estudo visa proteger, principalmente, a zona central da cidade e as ruas situadas ao longo do rio Quitandinha. Este curso d'água terá seu leito aprofundado onde for conveniente de forma a obter-se um rápido escoamento das águas, evitando transbordamento para as casas marginais.

A defesa da parte central da cidade será por dois tipos de obras. O primeiro constará de melhoramentos no leito dos rios Quitandinha e Piabanha, de modo a apressar o escoamento das águas. O segundo, que está em estudo, é a construção de um túnel desviando as águas do rio Palatinato para o Quicaniá, com origem nas imediações da estação da Leopoldina, passando sob a rua Benjamin Constant. Estuda-se, também, no rio Piabanha, a maneira de reter as águas ou desviá-las em um ponto do curso, acima do córrego Meier.

Um dos processos que se pretende usar em larga escala é o reflorestamento das cabeceiras dos rios. Para esse fim o Departamento Nacional de Obras de Saneamento solicitou a cooperação do Ministério da Agricultura e da Secretaria de Agricultura do Estado do Rio.

PEMA-DEMA AMERICANO
Av. Rio Branco, 4, 4.º

**O "DIA
DAS" S
DO N**

Comemora
"Dia das Na-
tejar essa d
sessão solene
tro Municipa-
verá comiat
te Burico
Corpo Diplo-
tado e outr
e militares.

A Institui-
como efemé-
comemorada
membros de
uma resoluç
das Nações
proposta co-
Brasil e do

Para o es-
te do Teatre
da ao públi-
tunidade de
à passagem
dade mundi-



culto, pelas tradições de honra e amor aos que souberam dignificar o mandato de conduzir o Brasil em busca dos seus destinos.

— E o verão vem se aproximando lentamente, para encontrar a cidade no mesmo estado esperançoso, aguardando o milagre da aparição de alguém que saiba compreender as suas necessidades inadiáveis, exemplo, as enchentes, que tanto têm prejudicado os seus interesses, como ainda o alargamento da pista de rolamento entre a Avenida Quinze e a Quitandinha, problemas conjugados, de fácil execução, que concorreria de muito, para melhorar a situação caótica que a cidade oferece, com a falta de solução necessária e exigível para o seu bem-estar, como segunda capital do País.

Desviando-se o excesso das águas do rio Quitandinha, para a Baixada e cobrindo o referido rio até somente a ponte em frente à rua João Pessoa, está o problema resolvido. Não esquecendo que será necessário um canal por baixo da cobertura do referido rio, com capacidade para oito ou dez metros cúbicos, a fim de receber o escoamento dos detritos domiciliares.

— V.A.

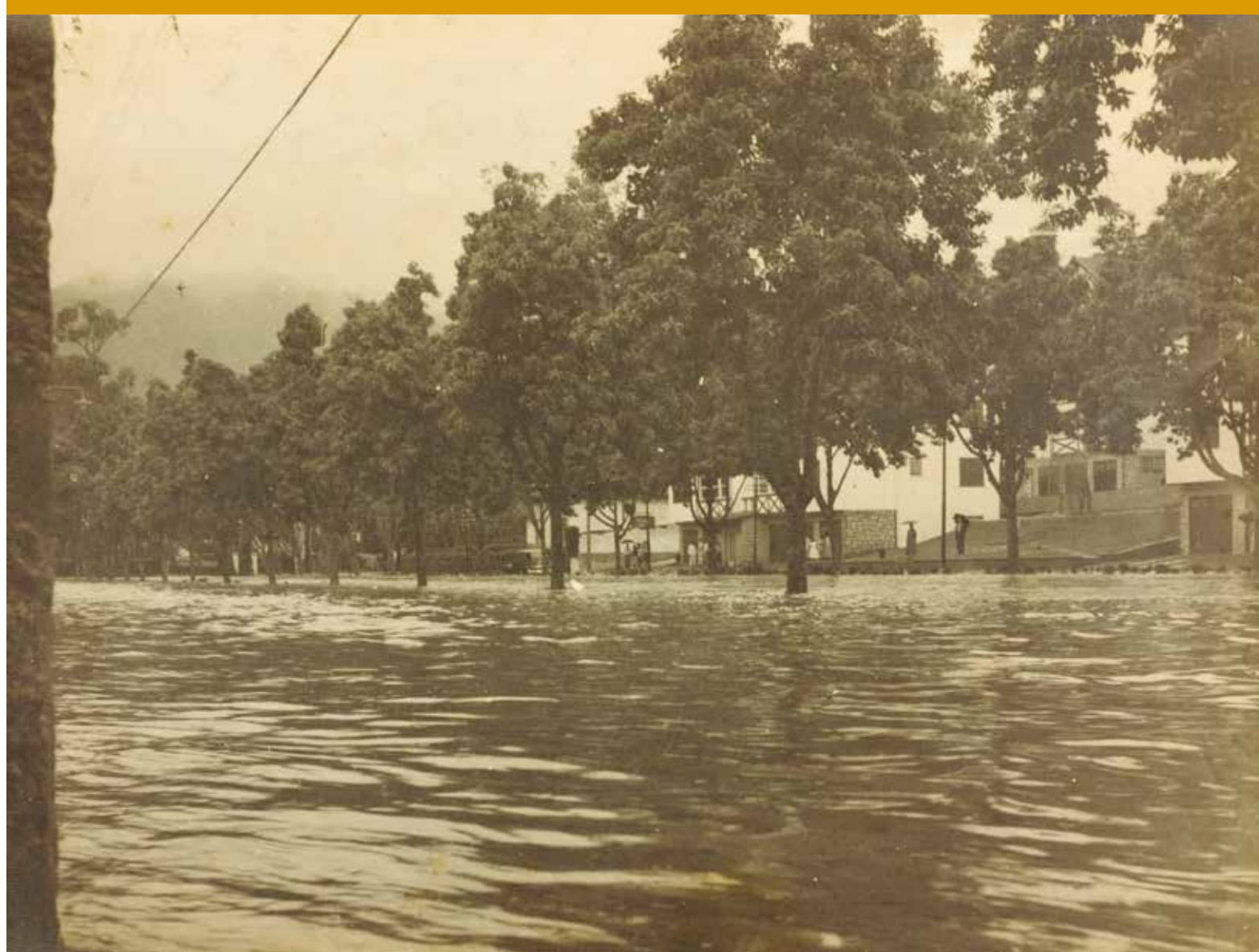
ANIVERSÁRIOS

Fazem anos hoje:
Senhoras: — professora Hilda de

Rio ontem a
Para Lima
Day, Dean F.
felz, Francis
rold. Cacilda
Para o Pa
mualdi e Ro
Para Miami
ler, Wilhelm
Hume. How
Hull. Darre
Virgil S. Alf



65 Jornal do Brasil (RJ)
(4 de dezembro de 1953)



66 Acervo do Museu Imperial.

Transportes, através o Progres. A cidade possui atualmente cinco acessos, todos estreitos e sinuosos, não dando para escoar o tráfego local.

As enchentes

Os moradores e veranistas que estão atualmente em Petrópolis têm, pelo menos, uma preocupação diária: as chuvas que caem à tarde, geralmente fortes, mas rápidas. E' que se chover forte na cidade por mais de 20 minutos as ruas centrais ficam alagadas, os rios transbordam, ocorrendo, muitas vezes, deslizamento de barreiras e queda de barracos. Os rios Palatinado e Quitandinha, que cortam o centro do Município, necessitam de dragagem. Em vários pontos eles sofrem estreitamento com formações de lixo e areia e seus próprios traçados originais, sinuosos, facilitam a contenção de águas.

A principal obra solicitada pela Prefeitura é o túnel extravasor do rio Palatinado, de responsabilidade do DNOS e que atualmente está paralisada. Ela vem sendo feita há 15 anos. Um outro túnel necessário seria o do rio Quitandinha, na garganta do morro Queimado, além da construção de galerias de águas pluviais. Em consequência das chuvas e enchentes, as ruas locais estão em péssimo estado de conservação, esburacadas e sem qualquer sinalização. Em alguns locais, trechos inteiros de pavimentação foram arrancados pelas águas.

Melhoramentos

A Prefeitura está tentando devolver à cidade as hortênsias que foram...

que recobridade. Segur Cunicul Rio, o b pacabar mior

Pre
a c
Jes

A U Flumin um ca Bom J em área tura de funcion la de g sará a dade da

A cri depend beração nistério tura, s siderad campo ve r s it ideal p fissions no inte

AS CR

A U um ca em Obi Ministê que pre ministr

67 Jornal do Brasil (RJ)
(10 de novembro de 1987)

que não chegaram, no entanto, a ser desenvolvidos.

Na área urbana — primeiro distrito — o mais importante, indicado pelo plano para facilitar o tráfego, e o aproveitamento do antigo leito da ferrovia para uma nova opção viária central.

Os rios

Em alguns pontos, o plano indicava a necessidade de estudos de viabilidade técnica e econômica, como no caso da ampliação das redes de águas e esgotos do primeiro distrito, sede do município, o que foi realizado e, atualmente, está em fase de concorrência para a contratação de uma firma que se encarregará do trabalho de implantação da melhoria urbana. Os estudos para a manutenção do caudal dos rios, construção de um túnel extravasor do rio Quitandinha na garganta do morro do Quelgado desviaria o curso e retiraria a sua água do centro da cidade, completando, com as obras que o DNOS realiza a 15 anos para a construção do túnel do rio Pala-

tinado, e livraria a cidade das cheias do período de chuvas).

A filosofia do plano procurava valorizar os distritos, com a criação de administrações regionais (seriam construídas pequenas sedes, orçadas em 1969 em Cr\$ 150 mil cada uma). Para os distritos, indicava a criação de uma fábrica de ação em Itaipava, a ampliação da Fábrica de Ração Balanceada (que pertence à Prefeitura), criação de um abatedouro de aves com câmara frigorífica em São José do Rio Preto (maior produtor de frangos do Estado), além de fixação de uma área industrial, de suporte da cidade, sem prejuízo das regiões consideradas prioritárias para o turismo

Dificuldades

O plano foi elaborado pelo Consórcio Nacional de Planejamento Integrado

cidade, obra considerada prioritária já que o aumento populacional implicou o

prejudica a

PUNIÇÕES

Os serv
serão demit
contratos d
tratados pe
dos especia
dirá quais
exercendo
nadas com

Do dec
exercem fu
são em órg
número de
nhando fu
e inclusive
Delegacia
ria dos f
quadros m

Na no
decretos, a
na o retorr
mas do Go
municipais
tura, com
quais contr
tade dos g
de Caxias.
so, desnece
colas muni
órgãos da
lhando pro

DE





70 Rua Washington Luís.
Acervo do Museu Imperial.

71 Jornal do Brasil
(23 de fevereiro de 1975)

ação in-
eficien-
as como
serviços".
distinta-
te 10%.
Esta é

em abril, conforme decisão
tomada na visita do Minis-
tro do Interior, Sr Rangel
Reis, ao Prefeito de Petró-
polis, Sr Paulo Rattes, há
10 dias.

ludos preminares para es-
tabelecer todas as obras
necessárias para eliminar o
problema das enchentes em
Petrópolis e os custos des-
sas obras.

Enchentes

O Município de Petrópo-
lis, principalmente o centro
comercial, é sujeito constan-
tamente a enchentes
provocadas pelo rios em
consequência de chuvas. A
rua Marquês de Paraná,
somente em janeiro pas-
sado, foi invadida 16 vezes
pelas águas do rio Quitandinha.
As obras necessárias
nos três rios principais —
Palatinato, Quitandinha e
Piabanha — estão além das
possibilidades financeiras
da Prefeitura local. Somente
o túnel que lançará as
águas do rio Palatinato no
rio Itamaraty custará Cr\$ 3
milhões.

O plano das obras estará
dividido em quatro etapas:
construção do túnel extra-

vasador do rio Palatinato;
construção de muros de ar-
rimo ao longo dos três rios,
para que o excesso de água
não provoque problemas
nos distritos de Cascatinha
e Correias; construção do
túnel extravasador do rio
Quitandinha, através da ga-
raganta do Morro do Diabo,
para a Serra do Mar; e, na
última etapa, dragagem dos
rios Palatinato, Quitandinha
e Piabanha, com a
construção de muros de ar-
rimo e correção do leito do
rio Quitandinha no centro
do Município, com um túnel
que sairá da Avenida Tira-
dentes, passará sob a Rua
Treze de Maio e desemboca-
rá no rio Piabanha, na
Avenida Rio Branco.

Cecilia I
de referê
Clube do

Duas
tares, ser
adiminist
formou o
tendendo
quilômetr
ximidade
do Almir
serão par
letários:
Céu.

Tr

A lig
foi proje
per. Cec
Bandeira
Nogue J
de do Pir
nente Lu
ria e ru

Essa
etapas, c
realizada
que repre
nomia d
cipal —

Ao longo do século XX, novas tentativas de enfrentar as inundações foram registradas. Planos diretores, estudos hidrológicos e relatórios técnicos de órgãos como o Departamento Nacional de Obras de Saneamento, o Instituto Estadual do Ambiente e, mais recentemente, o Plano Municipal de Redução de Riscos indicaram caminhos possíveis para enfrentar a vulnerabilidade urbana. Ainda assim, a recorrência dos eventos extremos demonstra que essas iniciativas não se consolidaram como políticas públicas contínuas, dotadas de orçamento, fiscalização e mecanismos de avaliação. Muitas propostas permaneceram no plano técnico, enquanto o adensamento urbano avançava sobre áreas de risco, sem controle sistemático.

A existência de instrumentos e órgãos voltados à gestão de riscos não elimina os desafios de articulação entre eles. A fragmentação entre esferas de governo e instâncias administrativas, aliada à complexidade própria dos desastres socioambientais, dificulta a implementação contínua de estratégias de prevenção. A descontinuidade administrativa também interfere no ciclo das políticas públicas, uma vez que mudanças de gestão podem reorientar prioridades e interromper programas em andamento. Nesse cenário, a integração entre planejamento urbano, política ambiental e gestão de riscos torna-se elemento central para fortalecer a capacidade institucional de resposta e prevenção de forma efetiva.



72 Antigo prédio do Fórum, na rua do Imperador. Acervo do Museu Imperial.

73 Inundação de 1966, prédio do antigo Fórum, na Rua do Imperador. Acervo do Museu Imperial.



...ve abandonado, buscarem assistência. Piabetá também as empresas de ônibus em trânsito e caindo aos fantasmas, como as linhas Centro—Marimárcia, o—Gurani etc.

...sica
...res”

...tra Juvenil do Teatro do Rio de Janeiro. e domingo, o movimento show de música e conjunto Leo Noite de Canto Lírico soprano Liège Guila, o baixo Walter e pianistas Leopoldo e Carlos Dantas.



...r o Silêncio...”

...fez

...lor

...de Serviço Social e

...do Profissional fo-

atendidos é de crianças subnutridas. As crianças que apresentam sintomas de desidratação aguda são leva-

crianças oriundas da zona rural e das favelas urbanas, muitas delas “com quadros típicos de fome carencial”.

Petropolitanos aguardam inauguração do extravasor

PETRÓPOLIS (O FLU)

— A notícia de que dentro de um mês o túnel extravasor do rio Palatinato, que corta parte do centro da cidade (a outra é cortada pelo rio Quitandinha) seria inaugurado e posto em funcionamento logo em seguida, deixou contente os moradores da Rua Coronel Veiga e os comerciantes do centro da cidade.

A euforia é justificada, pois, somente em janeiro, as constantes chuvas que assolaram Petrópolis, o rio Quitandinha transbordou 13 vezes, causando enormes prejuízos ao comércio local e destruindo muros de arrimo e jardins residenciais. Comerciantes locais já estavam dispostos a se mudar para outro local ou encerrar definitivamente suas atividades.

No centro da cidade, os comerciantes já prometeram um banquete às autoridades para comemorar o evento, pois a abertura do túnel extravasor também evitará as cheias na Avenida XV de Novembro e adjacências.

— O rio Palatinato nasce no bairro do Alto Morin e faz uma descida bastante forte até o centro

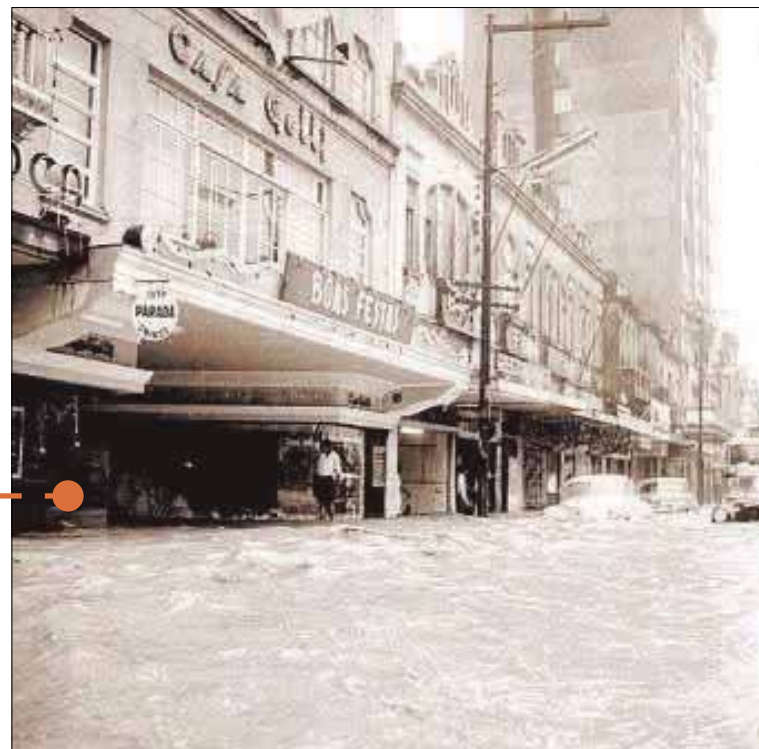
da cidade, onde se encontra com o rio Quitandinha, que corre, quase sempre mansamente em plano reto. Na época das chuvas a velocidade do rio Palatinato aumenta em muito e, no encontro com o Quitandinha, bem no centro da cidade, provoca a retenção das águas e consequente aumento do nível das águas em certos trechos da Rua Coronel Veiga, onde o “gald” é mais baixo, fazendo com que haja as constantes inundações — explica o Secretário de Obras da Prefeitura, Valdyr Silva, acrescentando:

— A abertura do túnel extravasor do rio Palatinato — obra do DNOS que se arrasta há mais de 20 anos e que tomou impulso final somente agora, na gestão do Ministro Rangel Reis, do Interior — virá terminar com o problema das enchentes do rio Quitandinha, na Rua Coronel Veiga, mas não será impossível um transbordamento no centro da cidade, que só será resolvido com a construção de outro túnel, entre as Ruas 13 de Maio e Beirão do Rio Branco.

Friburgo ganha mais uma escola e 2 salas de aula

74 Jornal O Fluminense (25 de fevereiro de 1975)

75 Inundação de 1966 – Rua do Imperador, Casa Gelli. Tribuna de Petrópolis.



de obras na
a estrada
itirá faser-
ópolis e vi-
m disso, o
erar à Pre-
a duplica-
em como a
ial, no cen-

a, que fica-
do, elimina-
se verifica-
lado, expli-
neçará jun-
res, seguin-
dinha, par-
rada União
a estradas
sando pelo
Bonsucesso,

partir dal-
te uma es-
demais dis-
to-se assim
ragem, cau-
e atropela-
à nova es-
núcleos ur-

lisse que as
sos, para o
Petrópolis,
Jo—Juis de
Fundo de
Banco do
erba de Cr\$
a Rua Bin-
o Rio) e da
o (entrada
itritos). Es-
Rattes, de-
n ano, an-
Jo—Juis de

o Banco do

tunar com o barulho excessivo. O centro de uma cidade precisa ser um local agradável, e não um ponto onde as pessoas reflitam em seus rostos uma tensão permanente.

ENCHENTES

Um dos projetos destinados a eliminar totalmente o problema das enchentes em Petrópolis já está pronto no Departamento Nacional de Obras de Saneamento — DNOS — e o outro encontra-se em fase final de elaboração.

As obras serão atacadas brevemente após um convênio a ser firmado entre a Prefeitura e o DNOS. Cada um executará 50% das obras previstas, ou seja, a retificação do canal da Avenida Sete de Setembro, até a Avenida Barão do Rio Branco e a canalização do Rio Quitandinha no trecho da Rua Coronel Veiga. O BNH já assegurou à Prefeitura a liberação das verbas para a execução da sua parte. No seu total, as obras estão orçadas em Cr\$ 130 milhões.

O Prefeito Paulo Rattes referiu-se também ao rigor com que está procurando coibir os desmatamentos através de uma fiscalização severa, para evitar que seja burlado o novo Código de Obras que proíbe as construções nas encostas numa altura acima de 50 metros, contados a partir do nível da rua.

Além de serem uma das causas das enchentes, os desmatamentos comprometem a estabilidade das encostas e a própria paisagem. Especificamente quanto ao aspecto estético da cidade o Prefeito informou que continua acelerado o plantio de hortências em todo o perímetro urbano, sobretudo nas beiradas dos rios "para restituir Petrópolis às suas características originais."

PROBLEMA DO MENOR

Observando que o problema do menor abandonado pelas ruas do Centro "é sobretudo social e transcende ao poder de atuação de uma Prefeitura", o Sr Pau-

76 Jornal do Brasil
(3 de junho de 1975)

dinha com eles, embora negue ter acompanhado os delinquentes. Após terem praticado o assassinato, os criminosos guardaram as armas na tendinha em que jogaram sinuca. Quando o menor foi buscar os revólveres, foi preso pelo comissário, que estava no local.

TERESÓPOLIS E PETRÓPOLIS SEM ENCHENTES EM 4 ANOS

Com a assinatura dos convênios entre o Departamento Nacional de Obras e Saneamento e as Prefeituras de Teresópolis e Petrópolis, respectivamente, estará definitivamente solucionado um dos maiores entraves ao plano de desenvolvimento desses dois centros turísticos do Estado do Rio de Janeiro: os prejuízos causados pelas enchentes na área urbana.

O plano referente à cidade de Petrópolis consiste em quatro etapas, das quais a primeira já concluída, com a construção do túnel extravasador do Rio Palatinato. Com um orçamento de Cr\$ 130 milhões, as obras de

dragagem dos Rios Palatinato, Piabanha e Quitandinha, e retificação do canal da Avenida Sete de Setembro e a construção do canal extravasador do Rio Quitandinha serão executadas até o final de 1979.

Em Teresópolis, o convênio prevê a construção em quatro anos, de pontes, galerias de águas pluviais, dragagem e revestimento do Rio Paquequer, em uma extensão de 100 km no centro da cidade. As obras, no valor de Cr\$ 42 milhões, irão beneficiar, sobretudo, os habitantes da Várzea, área mais castigada na época das cheias.

Bezerra Sobrinho chegou a porta fechada pelos p...

F
Quarta-Feira
LOCAL

Campo de São
Cidade de D
Rua Maria
Rua Japeri
Rua Glaziou
Rua Sampaio
Rua Mendes
Rua Ana L
Rua Firmin
Rua Comen
Rua Olimpi
Rua Adela
Rua Valéri
Rua Irerê
Rua Teixe
Praça Nica
Rua Apodi
Rua da Chi
Rua A do
Praia de C
Rua Visco
Rua Julio
Rua Jacui
Rua Domi
Estrada Jo

77 Jornal Luta Democrática
(24 de setembro de 1975)

DIÁRIO DE PETRÓPOLIS

DNOS ANUNCIA FIM DAS ENCHENTES, ATÉ 1978

O Departamento Nacional de Obras de Saneamento já tem planos para eliminar totalmente o problema das enchentes em Petrópolis, que serão desenvolvidos até 1978 e que incluem o desvio de vazão do rio Itamarati e orientação para "reflorestamento preventivo", que evitará os riscos da erosão, durante os períodos de chuva. Isto foi o que informou ontem o diretor geral do DNOS, engenheiro Harry Amorim, durante o encontro que mantiveram o ministro do Interior, sr. Rangel dos Reis, o governador Faria Lima e o prefeito Paulo Rattes, antes da inauguração do túnel do Palatinato, que desviará as águas do rio Palatinato para o Itamarati, reduzindo as possibilidades de enchentes no centro comercial da cidade.

Sem qualquer alusão aos atrasos, paralisações e abandonos que arrastaram a obra por mais de dez anos, o sr. Harry Amorim afirmou em seu discurso, na inauguração do túnel, que "o DNOS vive a alegria, no dia de hoje, de cumprir uma etapa das suas obrigações para com a comunidade de Petrópolis e faz essa alegria associar-se à alegria da comunidade, por ver afastadas as possibilidades de enchentes que assolavam essa região".

Depois da inauguração, o ministro, o governador e a comitiva visitaram o dique, construído no Itamarati, quando o sr. Faria Lima estranhou a ausência de hortênsias em todo o percurso e no próprio bairro, afirmando que "Petrópolis já foi a cidade das hortênsias".

O governador considerou também que é urgente a necessidade de que se realizem obras visando a purificação das águas que a Prefeitura não deve contar apenas com verbas de outros órgãos para isto, porque "o problema de esgotos é da municipalidade tanto quanto do governo estadual e que portanto o financiamento deve estar numa proporção de meio-a-meio".

O sr. Faria Lima interessou-se ainda pelas obras de conclusão dos jardins, da urbanização daquela área do Segundo Distrito e foi informado pelo sr. Paulo Rattes que até junho o "panorama urbano estará completamente recomposto".

RESPONSABILIDADE DIVIDIDA

Considerando como um dos problemas mais urgentes de qualquer município a construção de sistemas de esgotos sanitário e de águas pluviais, o governador Faria Lima informou ter recebido do governo japonês as plantas do sistema local de esgotos e que através de estudos pôde concluir sobre a conveniência de que todas as grandes empresas mantenham um sistema próprio de saneamento, dividido com o Estado a responsabilidade no setor.

— Existe uma estação subterrânea em Tóquio — afirmou — cujo sistema de esgotos ocupa dois andares. Eles conseguiram evitar de tal forma o problema da poluição e de mal-cheiro, que no lado desse edifício foi montado um parque infantil. Isso vem mostrar que existem soluções técnicas para o problema".

O GOVERNADOR

Considerado por todos os que o viram na solenidade, como um homem muito simples, vestindo-se esportivamente, o governador Faria Lima concedeu rápido entrevista ao DIÁRIO DE PETRÓPOLIS anunciando que voltará a fazer de Petrópolis a residência de veraneio do governo estadual, embora espere que "os petrópolitano não fiquem enciumados quando visitar minha casa particular, em Teresópolis, nos fins de semana".

Quanto à destruição da paisagem natural da cidade por loteamentos e pelo avanço inescrupuloso das imobiliárias, o governador garantiu apoio total ao governo do município.

— É preciso haver um plano diretor, um código de obras municipais que mantenha as cidades o mais próximo possível de suas origens. Isso precisa acontecer em todo o Estado do Rio Como cidade histórica, Petrópolis precisa ser preservada".

TRANSPORTES FÁCIL S/A

FAIXA DE HORÁRIOS DOS ÔNIBUS

Rua Vis. do Dragão, 70 — Petrópolis RJ.
ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA
Edital de Convocação

CGC MF 51.128.192/0001-90
ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

SAMBÃO

Ontem, às 20 horas, aconteceu o baile "Sambão", promovido pelo "Aracy" da garrida, no S. C. da João Custódio, promovido pelo João Custódio, promovido pelo João Custódio. Além do baile para malandragem, houve muito samba.

Amaral será inscrito na A. "Ven Me Ver" cuja sede é final da Rua Silva Jardim, no 1. A nova agremiação, que possui já eleger seu presidente, que é René Fernandes Costa. Após debates vão escolher as cores da coroa.

Hoje, eleição para a esculhenta da Independência. Três candidatos estão disputando: Leo Costa, Waldyr Mariano de Almeida, Paulo José Mazzi. O "sorra" ainda não foram a diretoria vai contar de três membros: tesoureiro e secretário.

Enviado pelo leitor João (Quineas):
"Ser livre é uma
Ser livre é viver.
Ser livre é gostar
Livre eu quero."

O funcionário municipal das Cruz, boêmio escuro", transando em Quatro de Maio. Ao qual desfilou pela verde e alvirgido".

A cozinheira fotográfica contabilista da mostra seus cinco filhos:
1 — Foi um Rio Grande — Paulinho
2 — Maculama —
3 — Disritmia — I
4 — Porta Aberta
5 — Se Não for por...
Nos primeiros reunião na Ur solver o problema da Silva, que a Tavares, ao que "leme".
José Paulo, a pendentes d São Paulo, onde estubam"...

78 Diário de Petrópolis
(30 de março de 1975)

a gazeta com mais minuciosidade, seguindo com fotografias dos principais prejuízos, os casamentos em muitos imóveis, o caso Cascatinha, a deterioração da estrada, a ausência de sinalização, as exemplares...



Ocupação irregular é o grande vilão dos problemas causados pelas chuvas.

...há outra solução. Em parceria com a Concessionária Rio-Juiz de Fora e o Ministério Público o Lagesolos vem, há dois anos, visitando comunidades e propondo soluções aos moradores. "Já visitamos 23 comunidades carentes em Petrópolis e descobrimos muitas casas que não deveriam ser mais habitadas. As pessoas sabem do risco, mas não têm para onde ir", conclui. •

Projeto de monitoramento está na gaveta

A preocupação em manter os investimentos e o treinamento das equipes de voluntários é justificada pela falha em outros sistemas de monitoramento climático projetadas para esse ano. Um deles, que garantiria o funcionamento de um sistema de rede meteorológica que permitiria prever, com até 24 horas de antecedência, possíveis desastres naturais, ainda hoje está na gaveta. O projeto previa instalação de 23 estações meteorológicas digitais e seria desenvolvido com verba da Secretaria Estadual de Meio

Ambiente, mas até hoje nada saiu do papel. O convênio de R\$ 853 mil assinado com o LNCC para o projeto ainda permanece na gaveta.

Segundo o coordenador do Laboratório de Geomorfologia Experimental e Erosão dos Solos (Lagesolos) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Antônio José Teixeira Guerra, que participaria do projeto junto com o LNCC, cinco reuniões de estudo chegaram a ser realizadas depois do anúncio da implantação do sistema de redes meteorológicas, mas,

como o dinheiro não apareceu, todo trabalho foi suspenso. "Última reunião foi em março do ano. Com as estações um estudo detalhado, que levava em conta o índice pluviométrico, as questões técnicas e geomorfológicas e as ocupações irregulares em cada região da cidade, seria possível criar um sistema de alerta e", garante.

Para o problema dos desastres naturais tende a evoluir em Petrópolis. "O Lagesolos e o problema em Petrópolis de 92. A cidade

é, por uma série de fatores, uma área potencialmente de risco e, com o passar dos anos, esse risco tende a aumentar. Ainda assim é possível evitar mais mortes. O sistema de alerta pode, a curto prazo, salvar muitas vidas", garante ele. Segundo a assessoria de imprensa da Secretaria Estadual de Meio Ambiente, o projeto de instalação da rede de monitoramento climático não foi abandonado. Ele está na assessoria técnica aguardando recurso do Fundo Estadual de Conservação Ambiental (Fecam).

79 Tribuna de Petrópolis – Demonstração de que há muitos projetos engavetados por falta de vontade política (20 de janeiro de 2002).

Prefeitura de Petrópolis calcula que só em 4 anos livra cidade das cheias

O petropolitano terá de esperar mais quatro anos para, finalmente, se livrar das consequências das chuvas de verão que inundam diversas ruas do Centro da cidade ao elevar o nível dos rios Palatinato, Quitandinha e Piabanha. Dentre os prejuízos ocasionados pelas chuvas, no último fim de semana, o maior registrou-se na Rua Barão do Rio Branco, onde as águas do rio Piabanha destruíram as obras de duplicação das pistas.

A longa espera, segundo informaram ontem engenheiros que assessoram o Prefeito Paulo José Alves Rattes, decorre dos constantes adiamentos na assinatura do convênio entre o Departamento Nacional de Obras e Saneamento e a Municipalidade, no valor de Cr\$ 70 milhões, que prevê uma série de obras (retificação de rios e dragagens) para livrar as ruas do Centro dos transtornos das enchentes.

TONEL EXTRAVASOR

Durante a visita que fez a Petrópolis, em fevereiro último, em companhia de engenheiros do DNOS e do Ministério do Interior, Sr. Rangel Reis, prometeu ao Prefeito Paulo Rattes que a construção do tonel extravasor do rio Palatinato, "uma obra de urgência que se arrasta há 22 anos", seria concluída em abril do próximo ano, acabando com uma parte dos problemas de Petrópolis.

Naquela ocasião ficou também acertada a assinatura de um convênio entre o DNOS e a Prefeitura para outras obras, indispensáveis à solução dos problemas provocados pelas enchentes que, além dos transtornos ao trânsito, têm ocasionado a queda de 40% nas vendas do comércio. O acordo deveria ser assinado no início deste mês, mas o Ministro Rangel Reis não pôde comparecer e uma nova data ficou de ser combinada.

Segundo engenheiros da Prefeitura, a verba necessária para as obras já está empenhada no Banco do Brasil dos Cr\$ 70 milhões, metade pela Prefeitura e a outra do DNOS e o plano, dividido em quatro etapas, pronto à espera da assinatura do convênio.

O Município de Petrópolis, principalmente o centro comercial, está sujeito constantemente a enchentes provocadas pelos rios todas

as vezes que chove. A Rua Marques de Paraná, apenas em janeiro último, segundo técnicos da Secretaria de Obras, foi inundada 16 vezes pelas águas do rio Quitandinha e as obras contra enchentes nos outros dois rios principais — Palatinato e Piabanha — estão além das possibilidades financeiras da Prefeitura.

— Somente o tonel que lançará as águas do rio Palatinato no Itamarati — afirmou — custará Cr\$ 3 milhões.

O plano de obras elaborado pelas assessorias técnicas da Prefeitura de Petrópolis, do Governo estadual e do Ministério do Interior, através do Departamento Nacional de Obras e Saneamento, está dividido em quatro etapas: 1) Construção do tonel extravasor do rio Palatinato; 2) construção de muros de arrimo ao longo dos três rios principais, para que o excesso de água não provoque problemas nos Distritos de Cascatinha e Correias; 3) construção do tonel extravasor do rio Quitandinha, através da garganta do muro do Itabó, para a Serra do Mar e, numa quarta etapa, a construção de muros de arrimo e correção do leito do Quitandinha, no centro do Município, através de um tonel que sairá da Avenida Tiradentes, passará sob o leito da Rua 13 de Maio e desembocará no Piabanha, na Avenida Rio Branco.



Em alguns trechos...

HERNIAS
INCOMODAM, FONTE DE NERVOS E MEDO PERIGOSAMENTE A FUNDA DOBBS elimina os perigos. Só toca no corpo em 2 pontos. Proteção total. Lavável. Uso invisível. Av. Rio Branco 133 - 16. • Copac. 945.1106 • Conde Bonfim 370.512 • DasdeCruz 155.601 • Mafra Freitas 96.602 • Av. Bras de Pina 214, C-04 • Marizal Cel. Gomes Machado 38.404 • B. Hortelense, Av. Alameda Para 952/522-24 • J. de F. Pereira Rattes, 622 - gr. 315 Dobbs, Americana.

80 Jornal do Brasil
(16 de dezembro de 1975)

Entre as diretrizes mais recentes analisadas na dissertação, destaca-se a incorporação das soluções baseadas na natureza. Essa abordagem propõe recuperar funções ecológicas dos rios, restabelecer áreas de várzea, ampliar a cobertura vegetal e restaurar encostas degradadas, reconhecendo a cidade como parte de um sistema socioambiental mais amplo. Em vez de depender exclusivamente de obras de engenharia pesada, busca-se combinar infraestrutura cinza e infraestrutura verde em soluções híbridas. No entanto, tais medidas, quando adotadas de forma isolada, não são suficientes para enfrentar os desastres em Petrópolis. Sua efetividade depende de articulação com políticas habitacionais, controle do uso do solo, fiscalização, educação para o risco e investimentos contínuos em infraestrutura. A cidade dispõe, inclusive, de legislação municipal que incentiva práticas associadas ao conceito de Cidade Esponja, mas sua aplicação requer integração institucional e continuidade administrativa.

maior a gravidade da situação que envolve os rios.

riados tipos de detritos em seu leito, desde aqueles da própria natureza, como troncos de árvores e pedras que se acumulam, e também lixo doméstico e entulhos diversos deixados por moradores, que reclamam a falta de caminhões de lixo, os quais a Prefeitura diz não possuir, confirmando a denúncia. Quando alcança a parte média do bairro e ganha a acanhada planície do vale na Rua Dr. Sá Earp, ele então passa a servir de depósito de lixo doméstico, e, antes de ter parte de suas águas recolhidas pelo túnel extravasor, recebe todo o resto do lixo da feira-livre que é realizada todas as terças-feiras e sábados, na área onde existia a estação de trens da Leopoldina.

O rio Palatinato há muitos anos vem tendo a cada dia, seu leito obstruído por denso matagal que nasce nas trevas que o acolhe. Hoje, uma chuva de hora e meia é bastante para que ele transborde, antes de chegar a Avenida XV de Novembro alagando diversas casas situadas as suas margens e deixando tanto nelas como pelas ruas a podridão e o perigo para a saúde causado pelos dejetos que recebe.

BACIA DO QUITANDINHA

O hoje Governador de Mato Grosso do Sul, Harry Amorin Costa, no exercício da direção do Departamento Nacional de Obras e Saneamento, ao inaugurar o túnel extravasor do Palatinato, afirmou que somente o desvio das águas do rio Quitandinha

para a vertente da serra de Petrópolis é que poderia acabar com as enchentes nas Ruas General Rondon, Coronel Veiga e Washington Luis. Isso não foi feito, e se vier a ser vai demorar muito. Atualmente o leito do rio nessas ruas, na maioria do trajeto não tem dois metros de profundidade, e em muitos não tem um metro como ocorre, por exemplo em frente a casa do Prefeito Municipal, na Rua Coronel Veiga, cuja vizinhança quando ao observar a constância de chuvas por uma hora, retira carros e pertences de suas garagens com medo de tê-los submersos de uma hora para outra.

O trajeto do rio Quitandinha de pouco mais de cinco quilômetros é marcado permanentemente pela estreita limitação a que suas águas estão obrigadas, fluindo quase a beira das ruas e casas situadas em suas margens, mas que não comporta o volume de água provocado por uma chuva não muito forte. Como ele corre junto a uma das principais vias de acesso ao centro urbano do município, todo o tráfego procedente do Rio de Janeiro fica completamente transtornado nessas ocasiões, e os prejuízos dos proprietários de carros particulares e das empresas de ônibus são bastantes elevados, além daqueles deixados pelas águas nas centenas de residências, inundadas com frequência especialmente no verão.

Mas além dessa limitação natural, é progressiva, o curso do rio Quitandinha também é mais

diminuído pela ação dos moradores, que, sob a mesma alegação de que o lixo não é recolhido com assiduidade, jogam-no no rio. Muitas oficinas mecânicas e artesanatos também se servem do Quitandinha para despejar detritos, e com isso fica ainda mais limitado o fluxo das águas. Até na Avenida XV de Novembro — principal artéria da cidade — onde ele corre por meio quilômetro o rio Quitandinha serve como depósito de lixo, até mesmo de comerciantes que jogam caixas inúteis quando não aparecem pneus imprestáveis.

BACIA DO PIABANHA

O rio Piabanha, nascendo frágil no bairro Bingen, pouco a pouco vai se avolumando, recebendo água de muitos riachos, até absorver as do Quitandinha e parte das do Palatinato, quando fica caldaloso no início da Avenida Barão do Rio Branco. Mas desde sua origem até ficar mais volumoso sofre a mesma depredação que seus afluentes são vítimas sendo que em muitos trechos são ataques de grande proporções.

Na Rua Duarte da Silveira ele corre em meio aos arvoredos dos sítios que corta, cujos proprietários até o defendem, contrastando com aqueles que não estão atentos a esta necessidade. Mas já quando alcança a área de maior densidade demográfica no bairro Bingen, começa a ser atacado impunemente, sem que as autoridades

tome igual de d impr tes si dadei nova jardi

Rua ganh Piab sédic dore setos tais, sávei Bing porti urba tidad e m truçã já ga sem repu porq emp Pref obra

Pala Piab barr cami do q aban que afini aos em Aves situa e m



82 Estragos na barragem da rua Washington Luis, quase na esquina da rua Rocha Cardoso (década de 1930). Tribuna de Petrópolis.



83 Petrópolis, década de 1930. Queda, após enchente, da mureta na rua 14 de julho, atual rua Washington Luis, em frente à Fábrica São Pedro de Alcântara. Tribuna de Petrópolis.

81 Jornal O Fluminense (10 de setembro de 1978)

84 Jornal do Brasil (RJ)
(3 de outubro de 1987)



Petrópolis não parte do zero. Há extensa documentação técnica, mapeamentos de risco, estudos geotécnicos e projetos estruturantes já elaborados. O desafio reside menos na formulação de novas propostas e mais na consolidação e execução das existentes, com mecanismos permanentes de acompanhamento e avaliação.

A esperança, nesse contexto, não se apresenta como retórica, mas como possibilidade ancorada no conhecimento acumulado. A cidade que tantas vezes enfrentou desastres dispõe de diagnósticos e alternativas já discutidas. O que se coloca é a necessidade de transformar esse repertório técnico em política pública efetiva, sustentada por decisão política, investimento contínuo e participação social.



85 Inundação em 3 de março de 2018 – Ônibus da Viação 1001, que estava estacionado na margem do rio, em Cascatinha, caiu no rio Piabanha, mas não houve vítimas.

Governo pe

Valendo-se do crédito de emergência do Banco Mundial, o governo do Estado entrou ontem com um pedido de financiamento no valor de 25 milhões de dólares, para ser aplicado no reflorestamento de encostas. Da Caixa Econômica Federal, o governo já recebeu cerca de CZ\$ 9 bilhões, o correspondente a 10,6 milhões de OTNs. As informações são do secretário estadual de Meio Ambiente, Carlos Henrique Mendes, que explicou que esse dinheiro será usado para obras de dragagem na Baixada Fluminense e para a construção de um túnel extravasador na Bacia do Quitandinha, em Petrópolis.

"O estado está em condições de arcar com todos os custos", comentou o secretário, explicando que esse dinheiro não foi liberado pela Caixa a fundo perdido: "Terá juros em torno de 10% e uma carência de dois anos, como qualquer outro financiamento." Outros pedidos de liberação de recursos deverão chegar à CEF nos próximos dias. Carlos Henrique falou da necessidade de fazer obras na bacia do Rio Estrela, entre Magé e Duque de Caxias, para que ela possa receber as águas do extravasador do Quitandinha sem problemas.

No início de abril, começam as obras do túnel em Petrópolis. A licitação está marcada para o dia 24 de março e as empreiteiras devem começar o trabalho 10 dias depois. Lá, serão gastos três milhões de OTNs, cerca de CZ\$ 2,5 bilhões, e a obra tem uma duração prevista de dois anos. O túnel extravasador terá 1 mil 500 metros de extensão e atravessará um morro, levando as águas do Quitandinha e seus afluentes até a bacia do Rio Estrela. Além disso, calhas terão que ser construídas ao longo do rio. O projeto original desse túnel foi feito há 10 anos pelo Departamento Nacional de Obras de Saneamento.

Amanhã deverá estar concluído o estudo técnico das obras a serem realizadas na bacia do Rio Estrela. A estimativa é de que elas possam ser executadas em seis meses, paralelamente à obra de Petrópolis, e tenha um custo em torno de 1,5 milhão de OTNs. Ainda não foi feito o pedido de liberação desse dinheiro à Caixa Econômica Federal. Lá, serão realizadas obras de alargamento de rios, substituição de pontes e de canalização de águas pluviais.

Na Baixada, serão gastos 7,6 milhões de OTNs, o que corresponde a cerca de CZ\$ 6,5 bilhões. No final de abril, começam as obras nas bacias do Sarapuí, Pavuna e Meriti. Será construída uma barragem



O Rio J
Dre
Bai
Re

Os recu
catastrofe, t
mento do pa
Sarapuí e Pa
lações da B.
Oeste e dos
calamidades
tendência E
(Serla), aut
nos corredor
bro, aguard
federal, de
tragedia.

86 Jornal do Brasil (RJ)
(3 de março de 1988)



1934 - O Banco do Brasil

87 Acervo do
Museu Imperial.

tado do Rio, visando justamente discutir a questão do desemprego. Segundo Darcy Conceição,

muitos deles oriundos do pesca e da área de serviço, não recebem um salário e meio.

Gratacós discute com Mapa túnel extravassor

Petrópolis (Sucursal) — Dotar Petrópolis de um instrumento de vanguarda na conservação e preservação do patrimônio natural, por ocasião da criação do Plano Diretor do Município — a ser elaborado nos próximos dois anos dentro de exigências estabelecidas pela Constituição para cidade com mais de 50 mil habitantes. Essa preocupação ecológica é defendida pelo Prefeito Paulo Gratacós e foi exposta durante encontro com integrantes do Movimento Ambientalista de Petrópolis e adjacências, criado recentemente e composto entre outros, por conhecidos e apaixonados ecologistas como o comerciante Reinhold Haack, o empresário Jorge Badia, a professora e bióloga Sueli Bibas e o engenheiro-agrônomo Rolf Dieringer.

Bastante informal, o encontro serviu para que os membros do Mapa se apresentassem como colaboradores do Poder Público no planejamento de programas que visem a defesa do meio ambiente petropolitano. O grupo de 10 pessoas trouxe ao Prefeito algumas sugges-

tões preliminares para fiscalização e reflorestamento de áreas importantes além de pedir a reativação do Horto Municipal, no Carangola.

Os ambientistas, demonstraram preocupação com a construção do túnel extravassor no Rio Quitandinha. Mas o Prefeito garantiu que o prosseguimento das obras está diretamente relacionado ao Relatório de Impacto do Meio Ambiente (Rima), a ser divulgado nos próximos dias. Paulo Gratacós reafirmou que não quer “a solução dos problemas de enchentes com o sacrifício ecológico e principalmente do povo de Magé”, referindo-se ao excesso de água do Rio Quitandinha, que será escoado para aquela cidade.

O Prefeito Paulo Gratacós aproveitou a oportunidade para anunciar que nos próximos dias estará assinado o convênio com o IEF — Instituto Estadual de Florestas — para reflorestamento de áreas de risco em Petrópolis. A minuta do contrato está sendo analisada pelo Prefeito e prevê aproximadamente hum mil e 500 mudas por hectare.

Prefeito exige mais farmácias

88 Jornal O Fluminense
(19 de fevereiro de 1989)



89 Ponte de Corrêas – todo tipo de resíduos e garrafas “pet” – inundação do dia 11 de março de 2003.
Foto cedida pelo Cel Rafael Simão – Defesa Civil de Petrópolis.

90 Dois ônibus da Viação Petrolta que caíram no rio Quitandinha, na rua Washington Luís, resultando em várias vítimas fatais, em 15 de fevereiro de 2022. Foto de Evaldo Macedo. Observa-se que a inadequação no destino dos resíduos sólidos impacta diretamente o problema das inundações.



Inundação em debate

O seminário “**Existem Soluções para as Inundações em Petrópolis?**”, realizado em 25 de abril de 2024, representou um marco importante no debate público sobre os desastres recorrentes que marcam a história recente da cidade serrana do Rio de Janeiro. Promovido pelo Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Piabanha, em parceria com o Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, Rede Ser.ra, Vigilantes da Chuva e UNIFASE/FMP, CEFET e ENSP/Fiocruz, o encontro reuniu especialistas, autoridades, lideranças comunitárias e cidadãos, tanto presencialmente quanto em transmissão on-line. O objetivo central foi discutir as causas estruturais e históricas das inundações e apresentar propostas técnicas e sociais para enfrentar o problema.

Durante o seminário, a constatação de que não há uma solução única capaz de resolver o quadro de vulnerabilidade de Petrópolis. Foram apresentadas análises que relacionam as inundações à ocupação irregular das margens dos rios e das encostas, à supressão de áreas de drenagem natural e à falta de planejamento urbano integrado. O exemplo mais marcante foi o estreitamento do Rio Quitandinha, que perdeu sua largura original de cerca de 34 metros para apenas 5 metros em determinados trechos, aumentando significativamente os riscos de transbordamento mesmo diante de chuvas de baixa intensidade. A ausência de políticas de fiscalização, a pressão imobiliária e o crescimento desordenado também foram apontados como agravantes.

As propostas discutidas contemplaram tanto soluções baseadas na natureza, como jardins filtrantes, pavimentos permeáveis e recuperação de áreas de infiltração, quanto alternativas estruturais, incluindo túneis extravasores, reservatórios de detenção e obras de macrodrenagem. Também recebeu destaque a chamada “Lei da Cidade Esponja”, que busca regulamentar práticas de retenção e absorção da água da



chuva em áreas urbanas. Outro ponto enfatizado foi a necessidade de planos diretores de drenagem, manutenção da infraestrutura existente e maior investimento em sistemas de monitoramento, alerta e resposta, com participação ativa das comunidades por meio de Núcleo Comunitário de Proteção e Defesa Civil e ações educativas.

O seminário acentuou a importância da governança participativa, reforçando o papel do Comitê Piabanha como espaço de articulação entre sociedade civil, órgãos técnicos e gestores públicos. Ao final, concluiu-se que a resposta às inundações precisa ser multidimensional: além de obras e tecnologias, é fundamental investir em políticas públicas integradas, planejamento urbano sustentável e mobilização social. O encerramento do evento anunciou uma nova rodada de debates, desta vez voltada aos desafios dos movimentos de massa e da habitação de interesse social. O seminário reafirmou que a busca por soluções para as inundações de Petrópolis passa pela combinação de conhecimento técnico, responsabilidade política e engajamento comunitário.

Um ano depois, no dia 30 de abril de 2025, foi realizado um segundo seminário, “Existem Soluções para Inundações de Petrópolis? Respostas”, no qual foram apresentados dois projetos contratados. O primeiro, um *Plano de Gerenciamento, Operação e Manutenção da Micro e Macrodrenagem de Petrópolis*, que o Comitê Piabanha licitou e será entregue a Prefeitura de Petrópolis, e o segundo, licitado pelo INEA, intitulado *Estudos de Alternativas e Elaboração de Projetos Básicos e Executivos para Controle de Inundações na Bacia Hidrográfica do Rio Piabanha*. Os dois projetos foram apresentados em linhas gerais e houve ampla discussão com os participantes.

Esses Seminários não esgotam o assunto e espera-se que soluções sejam propostas e implantadas em Petrópolis, mitigando o problema das inundações num futuro próximo, para que a população possa ser menos impactada pelas chuvas de verão.

Considerações

O “local onde Petrópolis foi fundada possuía todas as características necessárias à formação de um povoado: água farta e uma estrada importante, com grande movimento de cargas. Entretanto, a origem das terras impediu esse avanço, por serem sesmarias distribuídas por meio de cartas forais, que se transformaram em fazendas e sítios particulares” (Assumpção, 2015, p. 223). Acreditamos ser “provável que, se D. Pedro II pudesse vislumbrar o futuro das tragédias que se seguiriam no dia em que assinou o decreto de fundação da cidade, ele poderia ter mudado de ideia” (Lima Silva, 2024, p. 157). Ainda assim, por ter outros interesses ou por ignorar as condições naturais do território, a cidade foi fundada e se desenvolveu de maneira orgânica e sem um controle real.

Trazemos os “relatos de inundações de quase 200 anos, danos causados pelas chuvas antes mesmo da fundação da cidade e pessoas com suas vidas em risco desde o tempo em que o solo não estava impermeabilizado como está hoje, que comprovam que esse problema não é atual, além do fato de que os registros geológicos mostram que esses eventos ocorrem há milhares de anos” (Lima Silva, 2024, p. 157).

Ao revermos todas as fotografias e recortes deste livro, podemos afirmar que um desastre ocorre por diversos motivos correlacionados. Alguns fatores, como os índices pluviométricos e a declividade do território, são incontornáveis. No entanto, outros, advindos de ações antrópicas, podem ser mitigados ou eliminados, dependendo da vontade política e da conscientização da população, como a ocupação irregular das encostas, a manutenção e atualização da drenagem pluvial e o descarte adequado dos resíduos sólidos.

Após analisarmos o problema e as soluções apresentadas nos seminários comentados no livro, chegamos à conclusão de que Petrópolis necessita de um Plano Municipal de Controle de Inundações. Esse plano deve hierarquizar as soluções de acordo com sua aplicação, considerando o tempo de retorno, o custo-benefício e as indicações da modelagem da bacia hidrográfica. Deve, ainda, adotar um programa de aplicação de verbas em obras combinadas de soluções verdes e cinzas, associadas a medidas não estruturais, como o treinamento da população para estar em alerta e preparada para responder aos eventos extremos. O papel da Defesa Civil sempre será fundamental nas ações de alerta e resposta a esses eventos, ao formar e treinar os Núcleos Comunitários de Proteção e Defesa Civil (Nupdecs) nos diversos bairros, tornando a cidade mais resiliente.

O hino da cidade diz “Petrópolis, o teu futuro é a tua juventude, que estuda e trabalha consciente de que a luta no presente, vitória vai trazer”. A “luta do presente”, conforme abordada no hino, deve ser a adoção de políticas públicas de Estado para dar respostas às inundações de forma contínua e adaptada às necessidades que se apresentarem no futuro.

Posfácio

As águas desenham, conduzem e guardam as memórias de Petrópolis. Elas atravessam o tempo, moldam o território e revelam, em cada inundação e em cada reconstrução, a profunda relação entre cidade, natureza e sociedade. Esta obra nasce do encontro entre instituições, estudos e profissionais que, somando saberes, convidam o leitor a percorrer imagens, arquivos e relatos que contam a história da cidade a partir do caminho das águas.

Com delicadeza e firmeza, percorremos o plano urbano inicial, marcado pela racionalidade geométrica e pela crença de que o desenho técnico seria capaz de domesticar rios, declives e tempestades. A narrativa avança pelos eventos extremos que romperam o traço e a ideia de controle absoluto, expondo o descompasso entre o planejamento e a realidade. Surge daí a urgência de uma governança hídrica e territorial fortalecida, participativa e atenta às mudanças climáticas, ambientais e sociais.

As decisões tomadas ao longo do tempo produziram desigualdades territoriais e vulnerabilidades previsíveis e invisibilizadas. São perguntas sugeridas ao leitor: Como percebemos o território em que vivemos? Somos surpreendidos porque ignoramos o que estava diante de nós? O que fazemos com o conhecimento acumulado? Podemos aprender com o passado?

Ao revisitar jornais, registros e memórias, este livro evidencia o papel da mídia na construção do imaginário social, ora preservando lembranças, ora naturalizando desastres e culpabilizando moradores, como se fossem responsáveis por permanecer onde o risco não deveria existir. Reconhecer essa narrativa é um passo fundamental para recuperar o entendimento de que somos sujeitos históricos, capazes de reverter ciclos que insistem em se repetir.

E se as águas trazem traumas, também deixam o que não foi levado.

Petrópolis resiste no pertencimento, na solidariedade que surge após cada inundação, na capacidade de reconstruir e seguir.

Este livro é convite e alerta. É reflexão, mas também convocação.

Que o aprendizado do passado nos ajude a tecer políticas públicas mais justas, a reconhecer as causas profundas da vulnerabilidade e a garantir o direito à cidade para todos. Uma Petrópolis mais segura e resiliente nasce da possibilidade real de mudança, que depende de decisão política, ações de infraestrutura, soluções baseadas na natureza, investimento, envolvimento da comunidade e gestão que honre, e não desafie, o fluxo das águas.

Renata Maranhão
Superintendente Adjunta da Agência Nacional de Águas

Livro: Petrópolis: as águas no tempo e nos caminhos da cidade
Páginas: 120
Formato: 220 x 220mm
Tipografias: Times New Roman 12pt
Papel: Couchê 90g com orelhas
1ª edição: 2026

Gráfica: Coan Industria Gráfica Ltda.
Endereço: Av. Tancredo Neves, 300, Revoredo
CEP: 88.704-700 - Tubarão - SC
Telefones: (48) 3631-9000 / (48) 3631-9001

Petrópolis é uma cidade marcada pela convivência histórica com as águas. Este livro-álbum reúne pesquisas acadêmicas, registros jornalísticos, imagens e debates públicos para compreender como as inundações moldaram seu território, sua memória e suas desigualdades. Ao revisitar o Plano Köeler, a trajetória das políticas urbanas, a cobertura da imprensa e as propostas técnicas discutidas ao longo de quase dois séculos, a obra evidencia a distância entre diagnóstico e ação. Também apresenta caminhos possíveis, que articulam soluções estruturais, baseadas na natureza e participação social. Mais do que narrar desastres, o livro convida à reflexão sobre planejamento, responsabilidade pública e os caminhos de uma cidade cuja história pode orientar seu futuro.



ISBN 978-65-985148-6-0

